

Revista ADVENTISTA

MAIO - 1998

Mãe, Uma
Invenção de
Deus

A Clonagem
e o Cristão

O Quadro



Mãe, que belo e doce nome
 Que enche de sol, de vida
 O mundo inteiro,
 Que acalma o mar
 Cruel das tempestades,
 Que apaga o fogo aceso
 Das paixões,
 Que sossega os ventos
 E afugenta para longe os furacões.

Quando a vida
 Bramindo irada e má
 Faz perigar
 A minha pobre alma,
 Sedenta de calor,
 Cheia de dor,
 Ansiando por um porto
 Onde se acoite,
 Querendo estrelas
 E encontrando nuvens,
 Querendo luz e encontrando noite,
 Tu és ó Mãe
 P'ra mim
 O porto ansiado
 Farol de luz
 No meio da escuridão,
 Rocha segura
 No meio do furacão,
 Abrigo calmo por entre a tempestade.

Samuel B. Ribeiro

Assembleia Espiritual de 30 de Maio em Tomar

“Um Antegozo da Salvação”

Quando Deus chamou o povo de Israel para O representar nesta terra, deu-lhe todas as instruções para que este pudesse viver a alegria da Sua presença, e também a alegria da comunhão de uns com os outros. Por isso, e destacando esta última perspectiva, deu ordens para que “... três vezes ao ano, todas as pessoas em condições de fazerem a viagem, deixassem os seus lares e se dirigissem ao lugar da assembleia.”

“Nestas assembleias anuais o coração de velhos e jovens animava-se no serviço de Deus, ao mesmo tempo que a associação das pessoas das várias regiões do país fortalecia os laços que as ligavam a Deus e umas às outras. Bom seria que o povo de Deus na actualidade tivesse uma Festa dos Tabernáculos – uma jubilosa comemoração das bênçãos de Deus a eles outorgadas. Assim como os filhos de Israel celebravam o livramento que Deus operara com os seus pais, e a sua miraculosa preservação durante as suas jornadas depois de saírem do Egipto, devemos nós com gratidão recordar-nos dos vários meios que Ele ideou para nos tirar do mundo e das trevas do erro, para a luz preciosa da Sua graça e verdade.

Incorremos em perda quando negligenciamos o privilégio de nos associarmos, para nos fortalecermos e encorajarmos uns aos outros no serviço de Deus. As verdades da Sua Palavra perdem a sua vivacidade e importância na nossa mente. O nosso coração deixa de se iluminar e despertar pela influência santificadora, e decaímos em espiritualidade. Nas nossas relações mútuas como cristãos, perdemos muito pela falta de simpatia de uns para com os outros. Aquele que se encerra dentro de si mesmo, não está a preencher a posição que era desígnio de Deus ele ocupasse. Todos nós somos filhos de um mesmo Pai, dependentes uns dos outros para alcançar a felicidade. É o cultivo apropriado dos elementos sociais da nossa natureza que nos une intimamente com os nossos irmãos, e nos proporciona felicidade nos nossos esforços para sermos uma bênção para os outros.” *Patriarcas e Profetas*, pg. 337,340, Ed. 95, CPB.

No dia 30 deste mês de Maio iremos todos ter a oportunidade de nos juntarmos em assembleia espiritual na cidade de Tomar:

- * Iremos salmodiar o nosso Deus em conjunto.
- * Iremos ouvir testemunhos da intervenção Divina entre nós.
- * Iremos renovar e aprofundar a amizade que nos une em Jesus.

Deus conta contigo também. Não hesites. Vem!

J. Eduardo Teixeira

ÍNDICE

5 Mãe o Reflexo do Amor Divino

“Depois de Deus, o poder da mãe para o bem é a maior força conhecida na Terra.”

6 Mãe Uma Invenção de Deus

Anjos celestiais observam a mãe consumida de cuidados, notando os fardos que tem sobre si.

16 A Clonagem e o Cristão

Na realidade, desde 1986 os cientistas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos têm usado esses métodos nas explorações pecuárias....

24 Maud Sisley Boyd

... mas com a bênção de Deus o trabalho saiu bem.

26 O Quadro

Porque é que só o artista via a beleza?

28 Absolutamente Essencial

A importância de crescer num lar no qual todas as necessidades da vida são supridas.

Revista ADVENTISTA

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista (ISSN 0873-9005), órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora Atlântico, S.A.

Director: Mário Brito

Coordenador Editorial: Eduardo Graça

Chefe de Redacção: Maria Augusta Lopes

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira, Ezequiel Quintino e Maria Antónia Fonseca Santos

Programação Visual: Eunice Ferreira

Diagramação: Raquel Monteiro

Ilustradoras: Eunice Ferreira, Marra Rodrigues, Sara Raposo e Rurh Varela

Colaboradores Especiais: José C. Costa, José Eduardo Teixeira, Paulo Mendes, Rogério Nóbrega

São bem-vindos todos os manuscritos mesmo os não solicitados e cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso.

E-mail: Internet: pazatlantico@mail.telepac.pt; Compuserve 74532,2443

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.
Sede: R. N.º S.º da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626201
Conselho de Administração:
Mário Brito, José Eduardo Teixeira e Paulo Mendes
Director: Joaquim Sabino

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)
Responsável: Maria Rosa Silva Santos
R. N.º S.º da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202
Expedição e Armazém:
R. N.º S.º da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Fotolito: Departamento Criativo da Publicadora Atlântico
Impressão e Acabamento: Santos & Costa, Lda
Pedreiras - 2480 Porto de Mós
Tiragem: 2.000 exemplares
Depósito Legal N.º 1834/83

Preços:
Assinatura Anual 1.600\$00
Número Avulso 160\$00

ANO LVIII — N.º 612

MAIO 1998



OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 2.º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Trabalho na União Italiana
População: 58.300.000
Igrejas: 88
Membros: 5.256
3. Pelo Trabalho de Publicações na DEA (Divisão Euro-Africana)

ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE JOVENS

Torneio de Basquete na Costa de Lavos	05-07
Estágio de Montanhismo – Nível 2	19-21
Estágio de Equitação	19-21

OFERTAS E DIAS ESPECIAIS DO MÊS DE JUNHO

Sábado Missionário	06
Dia do Voz da Esperança – <i>Oferta da União</i>	13
Dia das Vocações ao Ministério	20

Errata

Lamentavelmente a notícia vinda de Aveiro e publicada no número de Março da nossa revista, veio truncada. Assim, com as nossas desculpas pelo facto, publicamos a última parte do antepenúltimo parágrafo que deveria ser como segue:

“Aos sábados, a pequenada do bairro reunia-se à volta deles para cantar, aprender histórias da Bíblia, para “rezar” ao Senhor Jesus. Ali ficaram muitas sementinhas...”

Passados dois anos e, mais concretamente desde Outubro de 1997, decidiram investir no Bairro da Bela-Vista, o bairro onde está a ser construída a nova Igreja de Aveiro.”

Mãe em Israel

“Joquebede era mulher e escrava. A sua parte na vida era humilde e os seus encargos pesados. Mas com excepção de Maria de Nazaré, por intermédio de nenhuma outra mulher recebeu o mundo maior bênção. Sabendo que em breve deixaria de cuidar do seu filho, para passar para os cuidados daqueles que não conheciam Deus, esforçou-se, da forma mais fervorosa, para unir a alma do seu filho com o Céu. Procurou implantar no seu coração, amor e lealdade para com Deus. E fielmente cumpriu o seu trabalho. Nenhuma influência posterior poderia levar Moisés a renunciar aos princípios da verdade que eram a preocupação do ensino da sua mãe e a lição da sua vida.” E. G. White (*Educação* pág.61)

MÃE - REFLEXO DO AMOR DIVINO



Todos certamente já observámos as incansáveis andorinhas que, ao regressarem da sua viagem migratória, começam pacientemente a construir o seu ninho. Poderíamos falar de muitos outros pássaros que com a mesma dedicação e perseverança, embora de formas diferentes, preparam um cantinho seguro e acolhedor para a sua futura prole.

O cuidado e desvelo da maioria das espécies animais não se limita à preparação da chegada dos seus descendentes, mas continua a manifestar-se após o seu nascimento, mantendo-se até que a nova criatura possa, por si própria, sobreviver.

Que extraordinárias lições de abnegação, de espírito de sacrifício, de entrega, de cuidado protector e altruísmo nos ensinam os simples irracionais que mais não fazem do que seguir os seus próprios instintos!

Através dessas simples criaturas, que inconscientemente executam as suas tarefas, fala-nos o Criador de um amor profundo e abnegado sempre pronto a sacrificar-se em favor do bem-estar dos outros.

O homem, macho e fêmea, obra prima da criação, feito à imagem e semelhança de Deus deveria, como ser racional e muito superior a qualquer outro animal, reflectir de uma forma ainda mais evidente esse amor que tem a sua origem em Deus.

Todavia, seria através da mulher, pelas suas características específicas, que de uma maneira mais evidente esse amor se demonstraria.

Infelizmente, o pecado tem produzido ao longo das eras graves desvios comportamentais nos seres humanos, incluindo lamentavelmente algumas mães.

Gostaríamos, contudo, de fixar a nossa atenção nas muitas e muitas mães que por este mundo fora continuam, humilde e discretamente, a falar-nos do grande amor de Deus por nós que sacrificou o que de mais precioso tinha – o Seu Filho amado – para nos salvar da condenação eterna.

Quantas são as mães que no silêncio das suas casas procuram gerir magros orçamentos que mal chegam para mitigar as agruras da sua fome! Quantas mães têm rejeitado a prossecução de prometedoras carreiras profissionais ou aliciantes remunerações em favor de um acompanhamento mais próximo dos seus filhos! Quantas mães apesar do trabalho doméstico ainda encontram forças para, através de alguma outra actividade, equilibrar os fracos proventos familiares!

A todas essas mães que esquecendo-se de si mesmas lutam dedicada e perseverantemente pelo bem-estar dos seus, queremos expressar o nosso preito de gratidão.

No livro *O Lar Adventista*, na página 240, lemos o seguinte: “Depois de Deus, o poder da mãe para o bem é a maior força conhecida na terra”.

Oremos para que o Senhor restaure as forças das nossas queridas mães a fim de que, através delas, Ele continue falando aos nossos corações! ■



*Pr. Mário Brito
Presidente da União
Portuguesa dos
Adventistas do
Sétimo Dia*

Mário Brito



Mãe, Uma Invenção de Deus

Caros Leitores

Neste mês em que de forma particular o mundo presta homenagem às mães, quisemos associar-nos a este espírito de uma forma simples, mas na qual procurámos envolver a Igreja, através de vários testemunhos nos quais algumas pessoas recordam, umas as mães que pela graça de Deus ainda têm, outras, as que com saudade esperam reencontrar naquela Manhã que já tarda.

Assim, pedimos às crianças da Escola de Coimbra, a um obreiro das Ilhas, a um jovem de Viseu, a uma jovem do Algarve, a um irmão de S. Jorge (Porto de Mós), a uma irmã de Vila do Conde e a uma jovem mãe de Lisboa que nos dissessem algo acerca da

importância e do valor das mães, na sua própria vida e formação. E é isso que partilhamos convosco nas páginas que se seguem, com o desejo de que todas as mães ao lê-las, as sintam como sendo o testemunho dos seus próprios filhos.

Porém antes disso, queremos deixar estas linhas que a pena inspirada da serva do Senhor, deixou para cada mãe:

“O dia de Deus revelará quanto o mundo deve a mães piedosas, pelos homens que têm sido inflexíveis advogados da verdade e da reforma – homens que se têm mostrado ousados no aventurar-se, que permanecem inamovíveis no meio das provas e tentações; homens que preferiram os altos e santos interesses da verdade e a glória de Deus a honras mundanas ou à própria vida.

O trabalho da mãe parece-lhe muitas vezes, um serviço sem importância. É um trabalho que raramente é apreciado. Outros pouco sabem dos seus muitos cuidados e encargos. Os seus dias estão ocupados com uma rotina de pequenos deveres, reclamando todos eles um esforço paciente, domínio próprio, tacto, sabedoria e abnegado amor; todavia não pode gabar-se daquilo que faz, como sendo uma grande obra. Tão somente esforçou-se para que as coisas no lar, corresse em boa ordem. ... Julga que nada fez. Mas não é assim. Anjos celestiais observam a mãe consumida de cuidados, notando os fardos que tem sobre si. O seu nome pode não ser ouvido no mundo, mas está escrito no livro da vida do Cordeiro”. (O Lar Adventista, págs. 243/4)

“Jesus conhece as preocupações íntimas de cada mãe. Aquele cuja mãe lutou com a pobreza e a privação, simpatiza com toda a mãe nos seus trabalhos. Aquele que empreendeu uma longa viagem para aliviar o ansioso coração de uma cananita, fará outro tanto pelas mães hoje em dia. Aquele que devolveu à viúva de Naim o seu unigénito e que em agonia na cruz se lembrou da Sua própria mãe, comove-Se ainda hoje com a dor materna. Em todo o pesar e em toda a necessidade, dará conforto e auxílio.” (O Desejado de Todas as Nações, pág. 383, 1ª edição da P. Atlântico)

Querida irmã, nunca perca de vista que ao dar-se aos seus filhos está a trabalhar para a eternidade. E que Deus não deixará de vigiar sobre as suas lutas e dificuldades, dando-lhe a força, o ânimo e a coragem para prosseguir, mesmo que tudo lhe diga para desistir.

A Minha Mãe



Os nossos irmãos dos anos quarenta até aos oitenta, aperceberam-se que na Igreja Central de Lisboa e depois na Igreja de Leiria, houve uma irmã que pela sua generosidade angariou imensos amigos.

Ao recordá-la, sinto saudade e tristeza de que não seja viva, porque se ainda o fosse, estou certo que teria muito para nos dar.

Foi sempre uma boa Esposa, Mãe, Madrasta, Sogra, Avó e uma fiel irmã da Igreja. Os mais pobres destas duas igrejas e de outras, se viverem ainda, poderão testemunhar o que digo, porque onde houvesse pessoas em dificuldade, a irmã Luísa estava sempre presente, e muitas vezes com sacrifício.

Lembro-me de que por várias vezes me pedia ajuda para poder socorrer os seus pobres que tanto a preocupavam.

Certa vez, ao chegar ao Vale Travelho, sua terra natal e minha, pediu-me que a ajudasse a levar um colchão e roupas de cama a uma família que se havia alojado num casebre das redondezas.

Ali fomos com as roupas e, na realidade, havia um casal com três crianças vivendo numa extrema miséria. Só vendo se podia acreditar.

Que carinho, que conselhos e que amor foram dispensados àquelas crianças e àquela mãe!

Tanto quanto o fez a mim, seu filho, enquanto viveu.

Dois anos antes de falecer, aos oitenta e seis anos, andava eu a fazer uns trabalhos agrícolas no quintal e já um pouco suado, cheguei junto de mim com uma enxada na mão para me ajudar porque, dizia ela, eu estava muito cansado.

Gestos destes, só das Mães.

A irmã Luísa pertenceu à Igreja Central de Lisboa, onde dirigiu a Sociedade das Dorcas durante muitos anos.

Foi baptizada pelo irmão Pastor António Dias Gomes que foi também o seu padrinho, quando se casou com o irmão Eduardo Rosa de Sousa.

Tanto ela como o seu marido foram os fundadores da Igreja de Leiria, em conjunto com os irmãos António Pinheiro e Isaías da Silva e ainda outros que não sei precisar, Igreja em que se manteve, até que no dia 3 de Maio de 1987, dia da Mãe, faleceu firme na fé de Jesus. ■

*João Luis Beato
Igreja de S. Jorge (Porto de Mós)*

«Vós Sois o Sal da Terra»

ou...



...“os secretos sabores de uma pedagogia de silêncio”

E é assim que crescem nossas vidas, serenas e seguras, num mundo aconchegado de palavras contidas e silêncios fecundos.

Não fala muito a Mãe. Canta. Semeia os hinos aprendidos quando se converteu. Canta e vai forrando com seu canto, de mansinho, os recantos mais férteis dos nossos doces dias de meninos.

Não fala muito a Mãe. Nem sequer fala muito de JESUS mas ficamos a saber como ELE é quando a vemos viver. Palavras são as mãos que a Mãe abre, desmedida, para fecundar os dias com a força incontida de pequenos e frágeis gestos fugidios. A voz, indício apenas: “Sr.^a Carolina, venha lancha, venha aquecer aqui as suas mãos”.

A Sr.^a Carolina, em tempo de tarefas todas artesanais, passa dias a fio, ao calor e ao frio, liquefazendo as mãos

no tanque do quintal, para assegurar o asseio e o conforto das infindáveis roupas da nossa grande família. O lanche da Sr.^a Carolina é a Mãe que o prepara muitas vezes, com as mesmas mãos e o mesmo carinho com que prepara o nosso; com o mesmo carinho com que também aquece no fogão do nosso dia-a-dia-artesanal, repetidas chaleiras de água para as mãos-sempre-no-tanque da lavadeira. “Sr.^a Carolina, a água quente!” É a voz, é a vida a crescer nos gestos pequeninos.

Gestos com o sabor do sal, com o cheiro da vida, como os gestos fecundos que habitam por dentro as nossas sextas-feiras de meninos-a-aprender: da manhã à tardinha, das compras à cozinha, dos quartos ao quintal, a azáfama invade a grande casa e tudo se prepara. A voz doce da Mãe decreta a mobilização geral, à qual ninguém escapa. Das criadas às filhas mais crescidas ou aos mais

pequenos, todos sabem exactamente o que fazer. E enquanto a casa se enche de cansaços, crescem por todo o lado os doces e bons cheiros da água e do sabão, das ceras e das flores, das refeições especiais para a festa semanal que está a chegar.

E quando parece que as forças já não chegam para os banhos da prole (nos quais o Pai participa com prazer e brincadeiras), irrompem ainda, às vezes, pela casa, vozes de mais um rancho de meninos. São os filhos da família V., sujeitos meninos a quem a pobre vida não aquece... e a voz da Mãe, de novo, a aconchegar carinhos: "Meninos, para o banhinho!" E lá vemos então a nossa Mãe, decerto bem cansada, debruçar-se sobre a nossa banheira, lavar com suas mãos a miséria e a tristeza acumuladas e, ajoelhada, cortar com mil cuidados dezenas de unhas, pentear e vestir de lavado, e aconchegar, dar de comer, mimar...

Mais tarde, no culto do pôr-do-sol, a voz da Mãe lê-nos o LIVRO, como acontece muitas vezes ao serão, e as personagens de algumas histórias que nos lê parecem-se tanto com ela que, quando me aconchega na cama a roupa-fresquinha-e-bem-cheirosa-de-sábado, eu adormeço a pensar na sua voz, chamando para o banho os meninos-da-rua-meus-irmãos, "*esses meus pequeninos*".

No sábado de manhã, a sala de costura da Mãe, secreta sala da cave onde à semana todos a procuramos para tecer cumplicidades no forro aconchegado dos afectos, abre-se à igreja que, em tempos pioneiros, aqui se reúne para a partilha do pão que é Palavra e que é Vida.

Dos sons da infância crescem manhãs claras...e, de repente, a atravancar memórias, essa manhã aflita, cinzenta e sem razão no meio de Setembro... e a infância perdida, presa a um fio de voz: "Filhos!"... e a nossa Mãe partiu, o que há-de ser de nós?...

Muita vida depois e muita mágoa, os meninos escondidos que há em nós sobreviveram, sabem-no muito bem, pela graça de Deus e pela seiva abundante bebida na raiz, no exemplo da acção desdobrada em silêncio, com toda a perfeição, em respeito profundo por tudo o que parece pequenino.

Ainda um destes dias, juntos dávamos graças por mais um ano de vida de um dos mais novos que, para nosso espanto, nos dizia que o dever e a vontade de fazer com perfeição tudo aquilo que faz, os aprendera com a Mãe. Mas como, se conviveu tão pouco com ela, como, se quase nem memórias dela tem?!...Pelas irmãs, dizia,

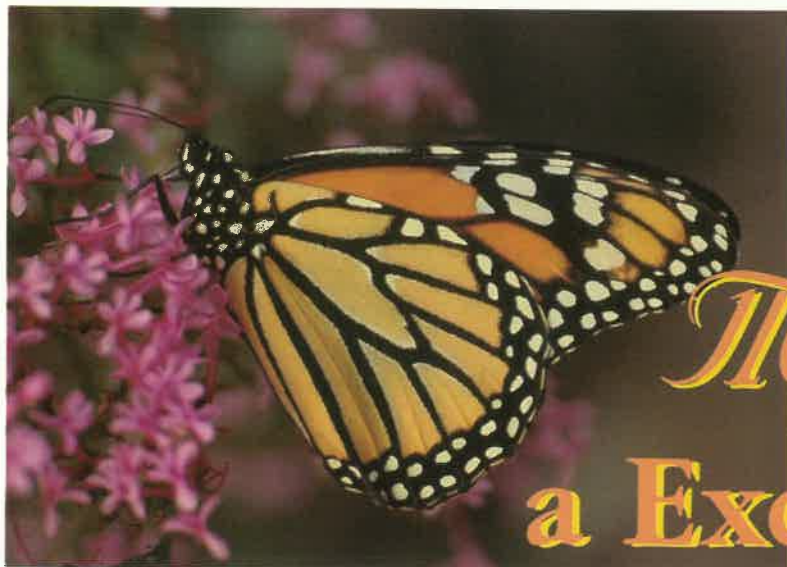
aprendera esse jeito de vida que, sabia-o muito bem, vinha da Mãe. Pobres de nós, tristes-meninas-aprendizes-de-mãe tão prematuras!...Mas que poder na força de raiz! Que força nas sementes pequeninas!

E eu sinto essa força e sei que um dia, nesse jardim-para-sempre à beira de JESUS, havemos todos de nos encontrar. Sinto que não me engano quando penso que a Mãe há-de querer ver os seus meninos e que a primeira palavra que dirá vai ser essa palavra trémula e aflita com que, antes do tempo, nos deixou: "Filhos!" ... E quando ela nos vir procurando-a também, um olhar bastará: ela há-de saber que a sua breve história fugidia, de silêncios de luz e de gestos-perfeitos-pequenos foi sal da

terra, foi semente de vida para a VIDA. ■

P.S. — A irmã Júlia da Soledade Silva Mendes quando, com apenas 49 anos faleceu em Setembro de 1966 em Vila do Conde, deixou oito filhos seus, do seu marido e de Deus.

*Maria Júlia Mendes Cordas
Igreja de Vila do Conde*



Mãe, a Excelência do Amor

Ao ser comemorado o Dia da Mãe, gostaria que não fosse apenas uma data mais entre tantas outras que por tradição nos habituamos a assinalar no calendário... A celebração duma data só faz sentido se a sinceridade de propósito com que é feita corresponder a um reconhecimento e vivência conscientes durante os restantes 365 dias, da importância daquilo ou de quem se pretende homenagear.

Exaltar a figura da Mãe é sobretudo entoar um hino de louvor ao milagre da vida! Teria sido uma mera coincidência eleger-se o ventre da mulher para gerar, formar, um ser vivo? É claro que não!!! Tudo o que Deus estabeleceu, por ser tão lógico e perfeito, demonstra que foi cuidadosamente planeado. Neste caso, o Senhor do Universo atribuiu deliberadamente à mulher, o privilégio e responsabilidade de ser o veículo doador e portador de vida humana, manifestando assim o Seu poder criador. Se apelarmos aos diversos exemplos bíblicos, constatamos sem dúvida que o acto de ser mãe era a bênção suprema que qualquer mulher sonhava obter, para se sentir verdadeiramente realizada e feliz.

Aprender a pronunciar a palavra mãe não é tarefa demasiado difícil... Mais complicado se

torna, porém, descrever a alma e definir a missão de quem é baptizado com esse nome, de tão abrangente e profundo significado! Isto porque ser mãe é muito mais do que o transcendente processo fisiológico da concepção da vida. É, sobretudo, amar, criar, educar, formar o carácter daqueles que constituirão a sociedade do amanhã, preparando-nos para viver um dia no Céu.

A verdade é que por mais ênfase que se tente dar às palavras, há sempre a frustrante sensação de que quase tudo ficou por dizer!

Que dizer daqueles braços ternos que me aninharam junto ao peito, procurando silenciar o choro persistente que reclamava a atenção e calor maternal! Que dizer daquelas mãos firmes que pacientemente me ensinaram os primeiros passos ainda trémulos vigiados pelo olhar atento de quem, a todo o custo, me queria evitar qualquer espécie de perigo! Que dizer daqueles joelhos suplicantes que tantas vezes se dobraram junto ao leito do filho enfermo! Que dizer daquela voz meiga sussurrando-me ao ouvido, no meio da fria e silenciosa escuridão da noite: *"Estou aqui! Não te deixarei! Não tenhas medo, nenhum mal te sucederá!"*

Ser mãe é também aceitar o desafio de saber perder sem mágoas. Em certa medida as palavras

proferidas por Simeão a Maria aquando da apresentação de Jesus: *“uma espada trespassará a tua alma”*, encontram o seu eco em todas as mães, uma vez que o cordão umbilical nunca é cortado num coração de mãe... o seu sangue correrá sempre nas veias do filho; no seu peito baterá sempre o coração daquele que aconchegou dentro de si, tornando a intimidade dos laços afectivos indissolúvel! Cada vez que o filho escorregar, tropeçar, cair, se ferir e magoar nos caminhos por vezes tão tortuosos da vida, a sua alma será trespassada! É aceitar também a agonia de quem um dia teve um filho quase inteiramente para si, sob as suas “asas” protectoras e, pouco a pouco, qual areia escapando-se entre os dedos, o vê afastar-se, separar-se, à medida que vai aprendendo a ter vontade e vida próprias, a voar sozinho desbravando e conquistando os céus deste mundo; a agonia de quem quer mas não pode, ou se pode não deve, impedir o filho de descobrir, quantas vezes de forma dolorosa, o caminho da felicidade; a agonia de quem gradualmente se vai vendo forçada a ficar na sombra, um

pouco à margem, pagando o preço da liberdade de escolha que deve reconhecer àquele a quem deu a vida!

Mas para uma mãe, o desejo e necessidade de amar vencem o medo da dor!

Mãe é sinónimo de amor! Aquele amor eterno em que o “eu” se esquece de si mesmo, porque encontra um outro “eu” mais importante do que o seu; aquele amor que dá sem condições, que se dá, mesmo que nada receba; aquele amor que redime, porque estaria disposto a morrer para sal-

var; aquele amor que guia com sábios conselhos e oportunas repreensões; aquele amor que perdoo, que levanta, que restaura... Um amor que tudo pode, *“tudo crê, tudo espera, tudo suporta”!*

A Mãe torna-se assim num símbolo vivo do tipo de relacionamento que o Deus criador almeja ter com cada um dos Seus filhos, como seres especiais, únicos e insubstituíveis; um espelho que reflecte a intensidade do amor de Cristo; um tabernáculo humano onde o Emanuel pode e quer manifestar a Sua presença, o Seu desejo e habitar, cuidar e conduzir o Seu povo.

Perdoem-me o egoísmo, mas ao procurar enaltecer as virtudes de uma Mãe, pintei o retrato de quem me serviu de modelo e exemplo – a minha Mãe! Em cada palavra que escrevi tive a consciente intenção de, em meu nome e no do meu irmão, demonstrar a gratidão que sentimos por tudo o que a nossa mãe tem sido para nós, e feito por nós; ela que por circunstâncias adversas dum vida por vezes tão injusta, não pôde deixar também, de ser pai!

Obrigado, mãe!

Para concluir, desejaria deixar algumas palavras de conforto para todos aqueles que ao longo da peregrinação pelos desertos da vida, derramaram lágrimas junto ao túmulo onde a sua mãe dorme o sono da morte. Não deixem morrer a chama da esperança na ressurreição! Um dia chorarão mas de alegria ao voltar a abraçá-la e beijá-la lá no Céu! ■

*Um amor que
tudo pode,
“tudo crê, tudo
espera, tudo
suporta”!*

*Luís Óscar Vasconcelos
Jovem da Igreja de Viseu*

Sou um privilegiado: Tive uma mãe cristã!



Ainda hoje, o hino “Mamã orou por mim”... é um hino que a minha mãe não consegue cantar sem lágrimas!

Considero-me privilegiado porque tive uma mãe e uma mãe cristã!

A mãe da minha mãe morreu cedo demais. Era a minha mãe ainda uma criança muito nova, mesmo nos seus primeiros anos, e viu-se sem mãe. Ficou sem aquele sorriso, sem aquele afecto, sem aquele amor incondicional que costumam caracterizar o amor de mãe e que são tão importantes nos primeiros anos. Não fosse a perda já de si tão grande, viu-se ainda privada daquilo que mais gostava de fazer, estudar. Sem mãe, e sendo a única mulher da casa, o trabalho caseiro acabou por ficar sobre si tendo que abandonar a escola após terminar o ensino primário. Na sua adolescência, teve alguém que substituiu a sua mãe, uma segunda mãe, assim talvez ficaram minimizadas algumas lacunas... De qualquer forma, a minha mãe não teve a sua mãe quando precisou de conselhos para tomar as decisões mais importantes da sua vida...Que falta, que vazio, que triste! Ainda hoje, o hino “Mamã orou por mim” (Hinário Cantai ao Senhor, n.º 309), é um hino que a minha mãe não consegue cantar sem lágrimas!

Bem, depois vim eu e que privilegiado fui! Recebi tanto de quem tinha recebido tão pouco! Desde cedo recebi o carinho, cuidado e amor de uma mãe! Nem sempre compreendi a razão das suas lágrimas, porque mais do que uma vez ela ficou sozinha, o que nunca me aconteceu. Pelo menos, sempre a tive a ela! Por fim comecei a compreender que era maravilhoso ter uma mãe, depois de quase a perder num acidente de viação, resolvi então passar isso para o papel. A redacção que nessa altura fiz, recebeu a nota máxima da minha professora da 2ª classe e terá sido uma das poucas que escrevi na minha idade escolar, que foi digna de menção especial. Os meus momentos inquietos da adolescência fizeram-na temer, mas o seu exemplo cristão tinha sido forte demais para ficar ignorado. Os seus conselhos na juventude acabaram por ser decisivos. Às vezes paro e pergunto-me: “Como pode alguém dar tanto tendo recebido tão pouco?”. Obrigado, mãezinha! Que seria hoje de mim se não fosse a sua presença na minha vida?

Obrigado Pai do céu, pela mãe que me deste!

Um ditado judaico diz: “Deus não podia estar em toda a parte; por isso criou a mãe”. De facto Deus começa por mostrar o seu amor a cada um de nós através do amor da nossa mãe. Quem poderá ficar indiferente? Quem poderá deixar de reconhecer o privilégio que é o de ter tido uma boa mãe? Como não se sentir agradecido a essa mãe e a Deus por este privilégio supremo?■

*Daniel Bastos
Pastor em S. Miguel, Açores*



A Influência da minha Mãe

Acima de tudo é uma mãe com muita, muita, muita paciência, com um jeito muito especial para me aturar.

Qual a influência da minha mãe na minha vida? Não é difícil de saber.

Em primeiro lugar gostaria de dizer que ela é uma pessoa calma, educada e com sentido de humor. Sei que também tem alguns defeitos. Quem os não tem; mas são tão poucos! Acima de tudo é uma mãe com muita, muita, muita paciência, com um jeito muito especial para me aturar. Só ela sabe como conversar comigo e por isso há uma grande abertura e confiança entre nós. Acho que foi com a minha mãe que aprendi a ouvir as pessoas. Não tenho o mesmo tacto, mas mesmo assim os meus amigos dizem que gostam muito de conversar comigo. Aprendi como sabe bem quando alguém se interessa por nós, tendo sempre um pouco de tempo para nos ouvir. Sempre! Mesmo quando vem exausta do trabalho.

Se por acaso passar um carro por mim e o condutor exasperado gritar “Então a passadeira serve para quê?” Não sou capaz de responder de forma agressiva. Não estou habituada a ouvir esse tipo de respostas da boca da minha mãe. Segundo ela, isso seria uma falta de educação. E eu concordo. Provavelmente numa circunstância dessas nada diria, porque estou certa que essa seria a opção da minha mãe.

Na minha idade já temos uma hierarquia de valores morais praticamente formada. No meu caso, coloco em primeiro lugar o respeito pelos outros, as amizades. Se há alguma coisa que me revolta é ver alguém a ser ridicularizado. O ser humano não pode ser tratado a pontapé, por mais que não se goste dele. Os meus colegas na escola costumam ter palavras agressivas uns para com os outros. Mas a minha mãe costuma dizer: “*nem a um colega se deve falar assim.*” Certo dia ao ir para a escola, perante uma situação de agressão verbal, não respondi como é hábito as pessoas fazerem. E alguém me disse: “*Eu sabia que não responderias no mesmo tom.*”

A verdade é que nem sempre fui assim. Nem sempre as coisas correram bem. Agia de forma errada, reagia quando alguém me magoava. No entanto a minha mãe não me deixava desanimar. Estava por perto a enxugar as minhas lágrimas e a dizer-me que confiasse em Jesus. Que orasse muito, porque para Deus nada é impossível. Então ajoelhava-se comigo e orávamos as duas. Sinto-me sempre confortada quando oro com ela.

Uma coisa quero deixar bem clara: se os outros apreciam a minha maneira de viver, é porque a minha mãe me inspirou a agir assim. ■

Ana Isabel Cabrita
Jovem da Igreja de Albufeira – Algarve

Como Filha...



...e Mãe

Talvez esta seja a oportunidade de expressar à minha mãe, de forma mais concreta, o que penso sobre a educação que dela recebi.

É evidente que muito da compreensão que hoje tenho das coisas, só a adquiri quando fui mãe. E apesar de toda a vida nos dizerem que as coisas são desta ou daquela forma, é claro que não acreditamos... até as vivermos!

Hoje consigo discernir com mais clareza o que é mais útil para pôr em prática na minha vida e para a educação que gostaria de dar à minha filha.

Sempre fui uma filha do tipo submissa, talvez pela personalidade de minha mãe ser muito forte. Isto fez com que muitos pontos da sua personalidade tenham ficado fortemente enraizados em mim.

Da minha mãe, quero preservar a positiva persistência e a confiança em Deus que servia de base e de trampolim para grandes voos. Alguns até "impossíveis". Com este exemplo, hoje tenho dificuldade em esmorecer ou desistir perante um problema.

Tentava aqui, corria para ali e furava mais além para conseguir, com os poucos recursos que tinha, todo o conforto material que nos queria dar. Escola Adventista, Acampamentos com os jovens da Igreja, Cursos de Doutrina, etc. É claro que não havia lugar para futilidades. Tudo o que nos era proporcionado era prático e necessário! "Extravagâncias", só na alimentação, para que crescêssemos fortes e saudáveis. E para benefício de todos, só consigo oferecer coisas que sejam úteis.

Porém o que mais gostaria de salientar na minha mãe, é a sua firmeza espiritual.

Desde cedo fiz o Ano Bíblico, conhecia as histórias da Bíblia, dizia versículos de cor. Com frequência ouvia citações do Espírito de Profecia que hoje, nos momentos necessários me vêm à memória. Confesso que nessa altura, nem tudo me agradava. Mas dou graças a Deus pelo facto da minha mãe nunca ter desistido de nos inculcar princípios morais e um relacionamento com Cristo que, agora com o meu toque pessoal, dá sentido, paz, refrigério e consistência à minha vida.

Lembro-me daquele episódio em que Jesus adverte Marta salientando que Maria tinha escolhido a melhor parte. E a minha mãe soube fazê-lo.

Com certeza que encontro aspectos negativos na forma como a minha mãe me educou. Mas o que realmente importava, foi nela valorizado. E ela transmitiu-me algo que nunca me será tirado.

"E desceu a chuva e correram rios e assopraram ventos e combateram aquela casa e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha". (Mat. 7:25)

Esta é a força que encontrei na minha mãe. Isto é o que realmente desejo preservar! ■

Porém o que mais gostaria de salientar na minha mãe, é a sua firmeza espiritual

Raquel L. Spencer B. Monteiro
Igreja Lx-Central

“A Minha Mãe é ...”

Escola de Coimbra



“A mãe é muito bonita e muito querida; gosta de mim e fica connosco; é muito amiga.
Ela brinca comigo”

Filipa 12 anos



“Eu gosto muito da minha mãe.
A minha mãe dá-me de comer, gosta de mim e compra-me coisas bonitas.
A minha mãe lava a roupa e lava a casa”

Gustavo 9 anos



“A minha mãe é muito minha amiga.
Brinca comigo, ajuda-me nas horas que eu preciso, dá-me muitas coisas e é bonita.”

Ângela 9 anos



“A Mãe faz o comer e às vezes cansa-se. Ela é muito bonita. Às vezes gosta de ter prendas.”

Pedro 9 anos



“Eu gosto da minha mãe porque ela criou-me, é meiga para mim; quando eu não sei uma coisa ela diz-me; quando estou preocupada ela vem falar comigo.
Há coisas que eu tenho para falar da minha mãe só que nunca mais acabava.”

Sara 10 anos



“Eu gosto muito da minha mãe, porque ela dá-me carinho e mimos.
A minha mãe brinca comigo e é boa.”

Nádia 9 anos



“As mães são muito boas para os seus filhos. A minha mãe é boa para mim e carinhosa; dá-me beijinhos, brinca comigo e faz-me as refeições.
É por isso que gosto muito da minha mãe.”

Tiago 9 anos



“Eu gosto da minha mãe porque ela criou-me e deu-me alimentos.
Não gostava de ter outra mãe.
Eu gosto muito da minha mãe.”

Adriana 9 anos



George T. Javor

A Clonagem e o Cristão

Uma descoberta científica traz consigo uma quantidade de perguntas

Os Adventistas do Sétimo Dia mantêm um olho nas profecias bíblicas e o outro nos acontecimentos correntes. Mesmo enquanto lemos o jornal, nos convencemos de que as profecias dos últimos dias se estão a cumprir. Um caso pontual foi o anúncio, em Fevereiro do ano passado, de que Ian Wilmut e Keith Campbell do Roslin Institute, perto de Edimburgo, Escócia, tinha conseguido clonar uma ovelha, chamada Dolly, a partir de uma glândula mamária de outra ovelha.¹

O profeta escreveu sobre o desenvolvimento dos conhecimentos nos últimos dias: “E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo: muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará.”² Embora esta profecia possa remeter, em primeiro lugar, uma nova luz sobre o próprio livro de Daniel, talvez tenha uma referência mais alargada – por exemplo, o conhecimento de produzir, à vontade de alguém, um número indefinido de seres humanos idênticos com talentos genéticos conhecidos. Claro que a tecnologia da clonagem aplicada em Edimburgo precisa de modificações antes de ser usada em seres humanos, o que poderá levar anos. Mas o consenso entre a maioria dos observadores é que a clonagem humana é agora uma possibilidade real – um feito comparável em avanço científico e tecnológico à divisão do átomo e à chegada do homem à Lua.

A Técnica

O que é a clonagem? Em circunstâncias normais os mamíferos vêm à existência devido à junção das células do esperma e do óvulo. Os cromossomas de ambas as células formam o material genético do novo ser. Nos seres humanos isso quer dizer 46 cromossomas – 23 do pai, 23 da mãe.

Depois da fertilização o interior da célula do óvulo divide-se em dois, depois em quatro, oito e, finalmente, 16 pequenos compartimentos chamados blastómeros. Cada um desses compartimentos é uma célula separada contendo, no seu núcleo, um conjunto completo de cromossomas. A este nível, o desenvolvimento da colecção de blastómeros, o blastocisto, prende-se à parede do útero, onde o embrião em desenvolvimento é criado até ao fim da gravidez.

Já há algum tempo que tem sido possível fazer a fertilização do óvulo humano e completar os estágios iniciais da formação do blastocisto em cultura. No estágio de crescimento das oito células o embrião é então implantado no útero e, se tudo correr bem, na altura própria nasce um bebé normal. Esta técnica de fertilização *in vitro* tem sido uma bênção para muitos casais que, de outra forma, seriam estéreis. Um benefício potencial desta técnica é a possibilidade de encontrar malformações cromossómicas antes da implantação uterina.

A clonagem de células embrionárias pode ser feita se células blastómeras idênticas forem separadas umas das outras e implantadas separadamente. Na realidade, desde 1986 os cientistas do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos têm usado esses métodos nas explorações pecuárias, numa tentativa de produzirem animais com pouca gordura e resistentes a doenças. No futuro, vacas e cabras, geneticamente alteradas, poderão produzir leite contendo drogas para o tratamento de doenças humanas.

Um outro tipo de clonagem é a clonagem nuclear. Desde os anos 50 que se sabe que se o núcleo de uma célula embrionária for colocado dentro de um óvulo não fertilizado, destituído do seu material genético, formar-se-á um organismo clonado. Essas experiências têm sido

feitas em muitas espécies, desde ratos a gado. O núcleo, no entanto, tinha de ser do estágio embrionário de duas ou quatro células, nunca mais velho. Durante o desenvolvimento normal, depois de apenas uma divisão de algumas células, as células embrionárias começam a diferenciar-se para formar os vários tecidos especializados do organismo. Este processo envolve uma modificação, aparentemente irreversível, do material genético. Supõe-se que núcleos mais velhos, embora ainda levem todas as informações genéticas herdadas, apenas podem utilizar uma certa quantidade delas, conforme for determinado pelo processo de diferenciação.

Foi por isso que causaram tanta admiração as notícias de que um núcleo de um tecido completamente diferenciado, proveniente do útero, pudesse ser trabalhado de forma a portar-se como um núcleo embrionário. O estratagema usado foi, primeiro, privar de alimento a cultura da célula mamária, causando um início de dormência no seu núcleo imitando as condições que prevalecem no início da célula embrionária. Depois, ao administrarem um pequeno choque eléctrico, essas células foram fundidas às células do óvulo cujos cromossomas tinham sido destruídos por radiação.

Depois dos blastocistos se formarem em provetas, foram transferidos para o útero da ovelha. Contudo, depois de 277 tentativas, apenas se conseguiu uma clonagem o que indica que ainda há muito para aprender sobre este processo.

Depois do anúncio da clonagem nuclear da Dolly, foi revelado que, no Centro Regional de Investigação de Primatas do Oregon, tinham clonados dois macacos a partir de núcleos embrionários. (Estes eram os dois únicos sobreviventes de 61 embriões transferidos para mães substitutas.)

O objectivo do Centro é produzir um grupo de macacos geneticamente idênticos que pudessem ser utilizados para experiências com medicamentos. Os resultados obtidos com essas cobaias seriam muito mais precisos devido à falta de diferenças genéticas entre eles.

Repercussões

O aparecimento de Dolly surpreendeu o mundo. Depois do choque inicial ter abrandado, pessoas proeminentes do governo, da ciência e da religião começaram a alertar para a urgência de se considerar as implicações éticas da clonagem. O Presidente Clinton anunciou uma proibição temporária da investigação, com fundos federais, da clonagem humana (actualmente, não há qualquer investigação do género financiada pelo governo) e pediu uma moratória sobre as investigações deste assunto, não financiadas pelo governo. O Presidente também pediu à Comissão de Aconselhamento sobre Bioética para rever este tópico.

O Dr. Wilmut, um dos cientistas escoceses que clonou a Dolly, disse: “Penso que pretender usar a nossa técnica actual com seres humanos seria muito desumano.” Pelo menos dois decretos-lei foram apresentados ao Congresso dos E.U. no sentido de proibir permanentemente a investi-

gação da clonagem humana neste país. O Vaticano pediu a proibição *em todo o mundo*.

Contudo, o Senador Bill Frist, presidente da Comissão sobre Saúde Pública e Segurança (que também se está a debruçar sobre o assunto da ética da clonagem) e um médico que já fez numerosos transplantes cardíacos, compara a excitação actual sobre a clonagem humana com aquela dos anos 60, quando muitos pensavam que o transplante do coração era contra a ética. “Chegou o tempo,” disse Frist, “de, como país, como nação, analisarmos estes assuntos duma maneira sistemática – não apressadamente, mas de forma calma, ponderada, racional e equilibrada”.

Este conselho é excelente. As profundas questões sociais, éticas e médicas levantadas pela clonagem humana requerem um constante diálogo equilibrado entre todos os sectores da comunidade mundial. Há uma considerável coincidência entre este tópico e o da fertilização *in vitro*, a engenharia genética e o projecto *Human Genome Sequencing*. Os líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia fizeram, recentemente, um documento sobre a engenharia genética, preparado pelo seu Comité do Ponto de Vista Cristão sobre a Vida Humana.³ Os dez princípios éticos indicados poderiam também ser aplicados à clonagem humana.



Perguntas Chave

A possibilidade da clonagem humana levanta questões, algumas das quais talvez só postas pelos Adventistas:

Há algum exemplo de clonagem humana na Bíblia? Talvez.

Estando entre aqueles que aceitam a leitura literal dos primeiros capítulos de Génesis, notamos com interesse que a criação dos seres humanos parece ter começado com um processo modificado de “clonagem”. “Então o Senhor Deus fez cair um sono pesado sobre Adão, e este adormeceu: e tomou uma das suas costelas, e cerrou a carne em seu lugar. E da costela, que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher: e trouxe-a a Adão. E disse Adão: esta é agora osso dos meus ossos, e carne da minha carne”.⁴

Das experiências actuais de clonagem começamos a compreender porque é que Adão teve de perder uma das suas costelas no início da sua vida. “Clonar” Eva de Adão (com algumas modificações, claro, pois muito dificilmente se pode dizer que eles são idênticos) estabeleceu um parentesco genético entre o primeiro casal humano.

Pode-se clonar a natureza humana? Não.

O facto de terem os mesmos cromossomas não torna os humanos pessoas iguais. Embora os genes determinem os nossos atributos físicos e até os nossos traços básicos de personalidade, é o conteúdo dos nossos cérebros que define quem nós somos. No momento do nascimento ou, possivelmente, até antes disso, cada cérebro recebe estímulos diferentes. Na primeira fase do desenvolvimento da criança, há algumas “janelas do tempo” da oportunidade particularmente críticas que, se usadas como deve ser, estimularão o desenvolvimento neurológico de regiões seleccionadas do seu cérebro. Estes centros

controlam o desenvolvimento, o controlo emocional, a visão, o relacionamento social, a habilidade linguística, matemática e lógica, a aprendizagem de instrumentos musicais, etc. Acredita-se agora que, quer sejam utilizados ou não, com a passagem do tempo estas janelas da oportunidade fechar-se-ão para sempre.⁵

Em grande medida, aquilo que somos é determinado por aquilo que lemos, ouvimos, vemos, sentimos, pensamos e fazemos. Temos o poder de modificar o nosso humor, pensamentos e acções. Os nossos sentidos sondam constantemente o nosso meio ambiente e relatam os seus resultados ao nosso sistema nervoso central. A nova informação pode alterar dados antigos – por isso mudamos momento a momento. Mais importante ainda, a nossa constituição genética não é alterada por aquilo que o nosso

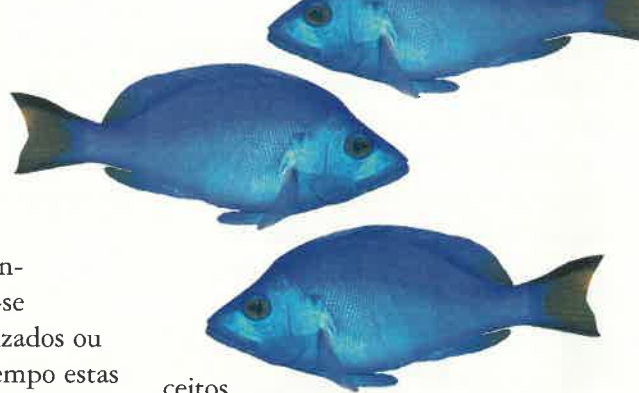
Em grande medida, o que somos é determinado por aquilo que lemos, ouvimos, vemos, sentimos, pensamos e fazemos.

cérebro armazena. Por isso, a individualidade não pode ser duplicada ou transferida por clonagem.

Há um componente genético para a “queda” da natureza humana? Sim.

Se os nossos genes não ditam as nossas actividades, então não somos reféns dos nossos genes. Se assim não fosse, não teríamos liberdade moral.

A poderosa noção da liberdade de acção moral circunda todos os con-



ceitos cristãos

sobre o que é um ser humano.

Estamos convencidos que Adão e Eva foram criados livres para escolher entre obedecer ou desobedecer ao seu Criador. Mas quando o primeiro par pecou e perdeu as suas vestes de luz, que simbolizavam o seu estado de pureza, será que os seus cromossomas se tornaram “pecadores”?

Não creio. Mas a humanidade herdou realmente alguma coisa de Adão e Eva que por vezes é chamada “natureza humana caída” ou “propensão para o pecado”. Embora os Adventistas tenham o cuidado de não confundir “tendência para o pecado” com o pecado propriamente dito, a potencialidade desta tendência herdada é melhor compreendida se considerarmos que todo o ser humano, com a excepção do Salvador, pecou.⁶ O apóstolo Paulo descreveu este factor hereditário: “Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado, que está nos meus membros”.⁷ Ellen White, ao escrever sobre os registos das nossas actividades que são mantidos no Céu, nota que “sob o título geral de egoísmo estão todos os outros pecados”.⁸

O egoísmo é uma derivação exagerada da sobrevivência. O instinto de sobrevivência é um dom que o Criador colocou em cada ser vivo, da bactéria aos seres humanos. Ele capacita cada organismo a responder apropriadamente aos estímulos desfavoráveis do seu meio ambiente. Esta capacidade estava adormecida no ambiente benigno do Éden. Mas

quando Adão enfrentou a perspectiva de extinção, o traço veio à tona ao acusar Eva de lhe ter dado o fruto proibido.⁹

A tendência de favorecer o eu é o factor genético que batalha contra os princípios mais elevados sobre os quais está fundado todo o Universo: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma,” e “o teu próximo como a ti mesmo”.¹⁰ O cristão é aconselhado a escolher o amor em vez desta atracção genética. Jesus mencionou este princípio em termos muito concisos: “Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida, por amor de mim, achá-la-á”.¹¹

Abreviará, a Clonagem humana, a segunda vinda de Jesus? Não.

Uma preocupação legítima dos Adventistas é se a clonagem de seres humanos nos levará a territórios proibidos, forçando o Senhor a inter-

vir e a pôr fim à História tal como a conhecemos. Sabemos que Deus pôs fim à indescritível perversão do mundo antediluvianiano, embora não sem um período de advertência de 120 anos. Depois disso, quando os pós-diluvianos desafiaram Deus ao tentarem erigir uma estrutura à prova de dilúvios, a intervenção divina aconteceu uma vez mais. Será a clonagem humana uma distorção tão grande da Criação que mereça o fim da história humana?

Não conhecemos qualquer instrução divina contra a clonagem. Pelo contrário, na ordem natural da vida, há o nascimento ocasional de gêmeos, trigêmeos, quadrigêmeos. Deste facto presume-se que, embora a diversidade genética prevaleça, a identidade genética entre alguns dos filhos de Deus não é desagradável ao Criador. Portanto, a clonagem humana em si não deverá precipitar a intervenção divina.

O que pode acontecer nesta quase universal chamada de atenção no processo das experiências com a clonagem humana, é que os líderes intelectuais estejam a responder ao Espírito Santo. Cremos que é vontade de Deus que o aumento de conhecimentos científicos dos tempos do fim devam ser exclusivamente usados para o benefício da humanidade. ■

1. I. Wilmut, A.E. Schnieke, J. McWhir, A.J. Kind e K.H.S. Campbell. “Viable Offspring Derived From Fetal and Adult Mammalian Cells”, *Nature* 385 (1997); 810-813.

2. Dan. 12:4.

3. “Playing With the Image of God” *Adventist Review*, 16 Nov. 1995, pp 10-13.

4. Gén. 2:21-23

5. S. Begley and M. Hager, “Your Child’s Brain”, *Newsweek*, 19 Fev. 1996, pp 55-62.

6. Rom. 3:23

7. Rom. 7:23

8. Ellen White, *Testimonies*, vol. 4, p. 384.

9. Gén. 3:12

10. Mar. 12:30, 31

11. Mat. 10:39

George T. Javor
Professor de Bioquímica na Faculdade de Medicina da Universidade de Loma Linda, na Califórnia.

A Ética da Clonagem

A moral da clonagem humana pode ser julgada por dois indicadores éticos antiquíssimos – intenção e consequência.

Porque é que alguém desejaria um clono de si próprio ou de outra pessoa? As várias razões ouvidas da generalidade dos proponentes da clonagem podem ser agrupadas nas seguintes áreas:

1. Ego clonagem – duplicação para a perpetuação de si próprio;
2. clonagem médica – duplicação para o fornecimento de órgãos;
3. clonagem genética – duplicação como forma de perpetuar qualidades humanas superiores, ex.: beleza ou génio;
4. clonagem para investigação – duplicação com o objectivo de efectuar investigações científicas em áreas tão intrigantes como os músculos do coração e tecidos cerebrais que não se regeneram depois de uma lesão, ou células cancerígenas que revertem ao estágio embrionário e se multiplicam descontroladamente.

Como a réplica humana (clonagem) ainda não é uma realidade, as suas consequências não foram demonstradas, mas há efeitos, tanto positivos como negativos, que são absolutamente previsíveis.

Entre as consequências negativas estão: o embotar de emoções humanas vitais tais como a afeição, o respeito e o amor, devido a sentimentos de infinita substituição; a desvalorização da vida como resultado da reprodução humana por um método industrial ou de metodologia de “fábrica”; denegrir ainda mais a intimidade marital devido à separação entre a sexualidade e a reprodução humana; o

enfraquecimento do sistema familiar pela criação de uma classe humana que não possui pai ou mãe; e a confirmação do egocentrismo e elitismo em consequência da selectividade que decide quem vale ou não a pena clonar.

Entre as consequências positivas previstas estão o prolongamento da vida que adviria do uso de partes do organismo tais como a medula ou um rim, e a perpetuação na sociedade do génio de uma Elizabeth Barrett Browning, de um Albert Einstein ou de um George Washington Carver.

Quando juntamos às prováveis consequências negativas da clonagem, o facto de que a duplicação de um génio não garante o seu desenvolvimento ou uso até ao mesmo nível ou com o mesmo propósito do original, é uma coincidência que 91% dos entrevistados num recente inquérito feito nos Estados Unidos pela *Time/CNN* (*Time*, 10 Mar. 1997) dissessem que não gostariam de ser clonados e 74% que pensavam que era contra a vontade de Deus.

No entanto, com o tempo, as atitudes sobre tais tecnologias estão sujeitas a mudanças. Essa tendência, impelida pela curiosidade, orgulho e ganância, significa que não obstante os medos da sociedade presente e as advertências expressas pelos vários intelectuais e governos à volta do mundo, a clonagem de humanos acabará por ser feita. Tudo isto para dizer que nós cristãos, em particular, precisamos de pensar com oração nos prós e contras deste avanço emocionante mas radical que Deus permitiu que fosse feito nos segredos da vida e estarmos preparados para enfrentar os seus desafios.

Calvin B. Rock
Vice-presidente geral da Conferência Geral dos Adventistas do 7º Dia, doutorado em Ética Religiosa

Um Sonho Quase Realidade

A construção de um Lar Adventista para Pessoas Idosas na região norte de Portugal, foi um sonho acalentado durante muitos anos por Maria Sampaio Nunes, uma dedicada irmã, hoje com 81 anos de idade.

Bem se pode aplicar aqui a célebre frase de Fernando Pessoa: *"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce"*. Por vontade de Deus, certamente que todos os que, pelo acumular dos anos sentem o seu vigor diminuído, teriam garantidos o aconchego e o carinho proporcionados pela grande família cristã a que pertencem. Pelo sonho de uma mulher, o projecto nasceu.

Impulsionada por esse ideal, não houve caminho que não percorressem os seus pés, nem irmão ou amigo a quem as suas palavras não procurassem entusiasmar; não houve trabalho demasiado árduo nem tarefa demasiado humilde a que as suas mãos já enrugadas, não atendessem.



Deu o que tinha - uma elevada verba financeira entregue na tesouraria da União. Encontrou um membro da Igreja do Porto que generosamente ofereceu um terreno para a construção do edifício. As obras começaram, o edifício foi ganhando forma e o dinheiro esgotou-se. A partir daqui, o milagre foi acontecendo. Outras ofertas surgiram e hoje, já mais de cem milhões de escudos foram investidos.

A Irmã Sampaio Nunes não foi apenas a mola impulsadora; ela trabalhou arduamente, dando serventia aos pedreiros, transportando materiais pesados, sendo a primeira a chegar à obra e a última a sair. Um dia, quando transportava algumas tábuas ao ajudar o carpinteiro, que gratuitamente colocava o soalho nos quartos, o cão de guarda fê-la cair na escada e bater com a cabeça num degrau de cimento. O que sentiu fê-la temer um traumatismo craniano. E ali mesmo, ainda por terra, orou para

A IGREJA EM ACÇÃO

Notícias de Santarém

Festa de Natal

O programa constou de cânticos, poesias e outros números, que foram de agrado dos que, em bom número, assistiram ao programa. As alegrias que o Natal celebra deixaram os presentes, uma vez mais, perante as profundidades do mistério do Deus feito homem, *"que veio*



para os Seus e os Seus não O quiseram receber" (João 1:11).

A igreja foi assim levada perante os princípios da salvação expressos na candura de

uma Criança que veio, não por intermediários, mas pessoalmente ao encontro dos homens.

Baptismos

No passado dia 24 de Janeiro, a Igreja reuniu-se para receber pelo baptismo, duas novas crentes: as irmãs Maria da Conceição Marecos e Maria Leontina Pedro. Estiveram presentes, para além de muitos irmãos, um bom número de visitas que viveram um agradável momento de reflexão sobre o amor de Jesus.

No final foram efusivamente cumprimentadas pela congregação e familiares presentes.



não morrer antes de poder dar ao seu sucessor, o conhecimento das contas e dos planos da obra. Deus ouviu a sua oração e concedeu-lhe mais do que ousara pedir. Embora com a saúde debilitada, e sem possibilidade de prestar a colaboração a que se habituara, a nossa querida irmã ainda vive. Pela sua conduta amável, pelos seus pequenos actos de bondade, é considerada pelos habitantes de Avintes, local da construção do novo Lar, como a segunda "Madre Teresa".

Apesar de tanto empenhamento, houve um dia em que o dinheiro se esgotou, a obra parou e o pessoal foi dispensado. Mas a inércia estava vencida e o sonho não podia morrer. Foi então organizada uma comissão, Ester Cardoso, António Lima e o signatário, com a missão de visitar as diferentes igrejas do País, tendo em vista a obtenção de fundos que possibilitassem a conclusão da obra.

Fomos bem acolhidos nas igrejas já visitadas. E pela graça de Deus e a actuação do Seu Espírito no coração dos crentes, foram alcançados mais de dez mil contos.

Na impossibilidade de visitar a tempo todas as igrejas, foi enviada aos respectivos pastores, uma cassete de vídeo com uma mensagem a ser apresentada à congregação. Deixa-se aqui o apelo para que essa apresentação se faça com a maior brevidade possível, a fim de que nenhuma igre-



ja seja privada do privilégio de colaborar neste grande empreendimento, que muito dignifica o movimento adventista em Portugal.

Já falta pouco para que a obra esteja concluída. Há madeira para as portas e roupeiros, material sanitário, tomadas e interruptores e tintas para a pintura. Os profissionais, nos seus postos, fazem avançar os trabalhos. A promessa do mobiliário para os quartos, a cargo do irmão Arménio de Moura, da igreja de Avintes, é também já uma certeza. O que falta é a terraplanagem para o jardim e parque de estacionamento.

Com o querer de Deus e o sonho que agora é de todos nós, acreditamos ser possível ver a obra concluída e inaugurada até Setembro deste ano.

A gratidão inunda o nosso coração. E certamente transbordará também do coração de todos os beneficiários desta instituição: quer os irmãos do norte, hoje em Salvaterra que poderão finalmente vir para mais perto das suas terras e dos seus queridos, quer dos irmãos da zona sul que se encontram em lista de espera.

Um muito obrigado a todos.
Vosso dedicado em Cristo,

*Fernando Mendes.
Pastor Reformado*

A IGREJA EM ACÇÃO

Encerramento da Escola de Santarém

Ao retornarmos a trabalhar nesta cidade depois de 18 anos de ausência, enfrentámos algumas situações que nos causam apreensão. Uma delas foi o encerramento da Escola que, em 1986, tinha iniciado as suas actividades sob tão bons auspícios. O início deixava antever resultados promissores nesta importante área de evangelização. Cito o seguinte parágrafo: "*Antigos professores dos alunos que agora estão sob a nossa responsabilidade educacional fizeram questão de nos visitar. Foram recebidos com elevada cordialidade e, antes de partir, segredaram que gostariam de ter uma escola assim. 'Gostamos tanto desta Escola!' dizem por sua vez as crianças que frequentam o nosso Externato onde temos 80% de alunos adventistas*". Nada deixava prever este desfecho.

Quando foi encerrada, tinha cerca de 60 alunos.

Tantas pessoas ficaram privadas da educação providenciada pela Igreja que tinha a única escola particular da cidade e que muitas vezes ajudou a encher os lugares do nosso Templo local. Este encerramento é lesivo quer para a Igreja, quer para a comunidade local. Que se feche uma escola por falta de alunos, é consequente. Mas com

uma população escolar tão apreciável, é perder uma importante oportunidade de evangelização.

Se o trabalho das Igrejas é bem difícil, a obra educacional é uma boa cunha para penetração da Causa do Mestre.

Donativo para abrir o trabalho em Almeirim

Fomos agradavelmente surpreendidos com a generosidade de dois doadores que entregaram 7.500 contos para o trabalho em Almeirim onde temos uma vintena de crentes, que assim vão dispor de um local de culto próximo do seu domicílio.

Foi feito um pedido à Câmara para uma construção de raiz e assim poder abrir uma sala no centro daquela cidade.

As orações da Igreja serão apreciadas para sustentar tão importante iniciativa.

*Alberto Nunes
Pastor da Igreja de Santarém*



Notícias do Departamento do Ministério da Mulher

Teve lugar em Krattigen, Suíça, entre os dias 22 e 25 do passado mês de Fevereiro, a primeira reunião do Conselho Consultivo do Departamento do Ministério da Mulher para a Divisão Euro-Africana.

Presidiram aos trabalhos as irmãs Ardis Stenbakken e Noelle Vitry, directoras do Departamento da Conferência Geral e da Divisão.

O programa desenvolvido foi diversificado e muito enriquecedor: momentos de meditação da Palavra e de oração; clarificação de estratégias mediante sessões de perguntas e de respostas; exposição de temáticas que focalizam os “grupos independentes” e a “violência familiar”; apresentação dos relatórios das diferentes Uniões. De revelar, pelo seu interesse, as directrizes claras e profundas de A. Stenbakken, que devem fundamentar toda a actividade do Departamento e que reafirmam a sua essência: a valorização da Mulher Adventista e do seu papel nas diferentes vertentes onde se movimenta, lar, igreja e comunidade. Aí, deverá a Mulher Adventista plasmar a sua alta vocação de discípula de Jesus.

O presidente da União, Pastor U. Frikart, deslocou-se também a Krattigen para passar alguns momentos com o grupo presente, a quem dirigiu palavras de orientação e de resposta a perguntas suscitadas no decorrer do encontro.

Estiveram presentes as Directoras do Departamento de M.M. em representação das Uniões seguintes: Alemanha do Norte, Alemanha do Sul, Áustria, Checoslováquia, Espanha, Itália, Portugal, Roménia e Suíça Alemã. Os relatórios da União Angolana e da União de Moçambique foram apresentados pela irmã Noelle Vitry.

Um dos objectivos deste Departamento é “Criar mecanismos de aproximação entre as mulheres da Igreja mundial que produza laços de amizade, apoio mútuo e intercâmbio criativo de ideias e informações”. Foi experiência conseguida em Krattigen e esperamos que ela seja o início de melhores e mais amplas oportunidades.

Terminado o encontro na Suíça, as irmãs acima referidas, visitaram a União Portuguesa, onde permaneceram desde o dia 26 de Fevereiro até ao dia 1 de Março. Gozámos da sua participação em dois momentos distintos:

A IGREJA NO MUNDO

A ADRA presta auxílio às vítimas dos ataques da guerrilha na Birmânia

Milhares de birmaneses refugiados na Tailândia carecem do todo o apoio, após vários ataques dos guerrilheiros que os deixaram virtualmente sem nada. A ADRA respondeu com a ajuda necessária num dos campos no qual se encontram cerca de 10.000 refugiados, enquanto se procura um novo lugar mais seguro, para os alojar.

Os responsáveis pela ADRA em Bangucoque, na Tailândia, foram até à fronteira para responder às necessidades dos refugiados que se encontram no acampamento de Huay Kaloke, depois de um forte ataque da guerrilha ter destruído tudo quanto possuíam.

“Ao visitar o campo, encontrámos uma terra completamente devastada, cheia de escombros onde antes havia casas, e onde as árvores queimadas não oferecem qualquer protecção contra o calor do sol”, disse Marlon Butler que é o responsável pelas relações públicas da ADRA na Tailândia.

Mais de 85% do campo foi destruído, ficando apenas meia dúzia de casas incólumes. O hospital, as escolas e as igrejas foram destruídas, restando apenas um templo budista que foi poupado devido às súplicas dos monges.

O único abrigo disponível foi erguido pelos refugiados, com bocados de chapas de ferro enegrecido e folhas de árvores.

A ADRA já reuniu o que era necessário para um primeiro auxílio para 7.300 refugiados, de acordo com as necessidades identificadas, o que inclui 1.306 “woks”⁽¹⁾ para cozinhar, 1.700 esteiras de plástico para se deitarem e 4.903 pares de sandálias. A ajuda prestada até este momento ultrapassa os 10.000 dólares, mas muito mais é necessário fazer.

(1) espécie de frigideira usada no Oriente

na Igreja de Oliveira do Douro, na noite do dia 26; e na Igreja Central de Lisboa no dia 28, quando se celebrava o Dia Internacional de Oração da Mulher Adventista. Neste programa, Noelle Vitry ocupou-se dos momentos missionários da Escola Sabatina apresentando um relatório oral e visualizado do trabalho em Angola. Ardis Stenbakken teve à sua responsabilidade o sermão dessa manhã de Sábado.

Foi boa a assistência tanto na Igreja do Norte como na de Lisboa. Aqui, o programa prolongou-se na tarde até cerca das dezoito horas.

O departamento desfrutou da colaboração rica e empenhada de muitos Irmãos e Irmãs vindos da variadas igrejas, que animaram o programa durante todo esse dia de celebração espiritual.

M. Rosa Nunes
Departamental do Ministério da Mulher

“Violência na Família – Falemos sem Rodeios”

Foi sobre este tema que o Departamento Lar e Família e Educação da Igreja Central de Lisboa, organizou uma jornada de reflexão e consciencialização acerca deste problema que tanto afecta a nossa sociedade. Esta jornada teve lugar na referida igreja e decorreu nos dias 7, 8, 13 e 14 de Fevereiro. Foram responsáveis pela sua organização a Dr.^a Eunice Dias (bióloga e professora) e a Dr.^a Cristina Silva (técnica superior de reinserção social).

Além das organizadoras, apresentaram comunicações o Dr. Samuel Ribeiro (pediatra e Director da Revista “Saúde e Lar”), a Dr.^a Carla Almeida (magistrada do Ministério Público) e o Dr. Samuel Antunes (professor de psicologia do Ensino Superior).

Colaboraram igualmente nesta iniciativa a Dr.^a Dulce Rocha, *Assessora do Gabinete da Alta Comissária para a Igualdade e Família*, a Dr.^a Rosa Figueiredo, representante da *Associação Portuguesa de Apoio à Vítima*, a Dr.^a Conceição Brito Lopes, representante da *Comissão para a Igualdade dos Direitos da Mulher* e António Reis, 1^o *Subchefe da PSP*.

Todos os participantes foram unânimes na opinião de que a violência doméstica, sobretudo a exercida sobre crianças e mulheres, é um mal que, apesar de camuflado, alastra na nossa sociedade e que é preciso que todos conheçamos os meios disponíveis para o combater.

No final de cada sessão houve sempre um tempo dedicado à assistência no qual eram colocadas questões respondidas pelos responsáveis das comunicações.

Os representantes das diversas instituições que nos visitaram louvaram esta iniciativa. No final, a cada participante, foi oferecido um exemplar do livro “Reconstruir” de Nancy Van Pelt.

Esperamos que esta jornada divulgue a Igreja Adventista do Sétimo Dia, como uma Igreja preocupada com os males sociais e empenhada na sua solução.

Josefa Alcobia

A IGREJA NO MUNDO

Os Adventistas ficaram chocados com as notícias relativamente às mortes ocorridas no Hospital de Glendale.

As notícias de que um terapeuta respiratório do Centro Médico Adventista de Glendale tinha abreviado a vida de alguns doentes, chocou os membros e dirigentes da Igreja Adventista em todo o mundo.

O Dr. Albert Whiting, director do Departamento Médico da Conferência Geral disse estar “atónito, chocado e triste” com os acontecimentos na Califórnia.

Efren Saldivar confessou ter posto fim à vida de mais de 50 doentes em estado terminal. A polícia de Los Angeles tomou de imediato, conta do caso.

Será bom dizer que ele não é membro da Igreja Adventista.

“Estamos atónitos, chocados e tristes com estas notícias, e a nossa simpatia vai para todas as famílias envolvidas” disse o Dr. Whiting. “Pôr fim à vida está em total oposição com a filosofia e prática da Igreja Adventista, completamente em desacordo com o que nós somos como cristãos e contra a posição oficial da Igreja.”

Numa declaração de 1992, a Conferência Geral claramente rejeita a “eutanásia activa” e nela se afirma que “Deus é o Criador da vida humana, um maravilhoso Dom que merece ser protegido e preservado (e) apoia o uso dos recursos da medicina moderna para prolongar a vida humana nesta terra.”

Foram estas as notícias que correram mundo através dos meios de comunicação social e que provocaram uma reacção imediata da Igreja.

Qual não foi porém, a nossa surpresa, quando no decorrer das investigações posteriores, se veio a apurar que tudo não passara de uma farsa idealizada pelo aludido enfermeiro, com o propósito de, segundo as suas próprias palavras, conseguir uma hora de notoriedade.

Onde podem chegar o orgulho e vaidade humanos!

Porém, e porque nos parece oportuno a fim de esclarecer de forma inequívoca a posição que a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem sobre este assunto, no próximo número da Revista Adventista publicaremos na integra a declaração produzida pela Conferência Geral datada de Outubro de 1992.



ERNESTO FERREIRA

Maud Sisley Boyd,

Saudosa Mãe em Israel

Em Kent, Inglaterra, poucas horas antes de despontar o sol no dia 24 de Novembro de 1851, nascia no lar de João e Susana Sisley, uma linda menina a quem foi dado o nome de Maud.

Na companhia dos seus sete irmãos e irmãs ali passou uma infância feliz até que, tinha ela apenas sete anos, o lar foi anuviado pela morte prematura do seu pai.

A responsabilidade da manutenção da família recaiu sobre João, o irmão mais velho, que, passados dois anos, emigrou para os Estados Unidos. Decorridos outros dois anos, foi com grande alegria que toda a família se juntou de novo, não já na Inglaterra, mas em casa de João, na propriedade por ele possuída e cultivada a uns 150 quilómetros de Battle Creek, Michigan, nos Estados Unidos.

Primeiros Passos na Igreja Adventista

Uma surpresa os aguardava ali. Ao chegar a primeira sexta-feira, no culto matinal, João, depois de ter lido Êxodo 20:8-11, disse: “Creio nestas palavras com todo o meu coração. Amanhã é o sétimo dia da semana, e Deus diz que o dia começa com o pôr do sol. Podemos ter todas as nossas tarefas terminadas até ao pôr do sol de hoje? Vou voltar mais cedo. Tenho algo para vos contar, que espero seja tão importante para vós como tem sido para mim.”

Depois do culto, cada um entregou-se às suas respectivas tarefas, sem que durante todo o dia pudessem esquecer as estranhas palavras proferidas por João naquela manhã.

Ao pôr do sol, todos de novo reunidos na sala de estar, João começou por referir-se a uma tenda levantada na vizinhança poucos meses antes, aos textos bíblicos ali estudados e às doutrinas seguidas pelos Adventistas do Sétimo Dia. O que é certo é que, embora não compreendessem ainda todas as doutrinas, a verdade do Sábado era tão evidente, que todos decidiram guardá-lo a partir de então.

O pequeno grupo de crentes da localidade reunia-se em quatro casas diferentes. E ali, de manhã, dado que nessa altura ainda se não publicava o trimensário da Escola Sabatina, lia-se e comentava um capítulo da Bíblia. Em seguida, reuniam os alimentos trazidos pelas diferentes famílias e tomavam a refeição em comum. Seguiam-se uma reunião social, após a qual cada um voltava para o seu lar.

Tipógrafa e Obreira Voluntária

Quando Maud atingiu os quinze anos de idade, algo de muito importante ocorreu na sua vida. James e Ellen White visitaram a localidade onde ela vivia e, salientando as possibilidades que se ofereciam de uma vida melhor, sugeriram à família Sisley a venda da propriedade que possuíam ali e que se estabelecessem nas imediações de

Battle Creek, onde podiam facilmente encontrar emprego, sugestão esta que foi bem acolhida, em vista da ajuda que esse plano proporcionaria para a manutenção de tão numerosa família.

A Casa Publicadora Adventista estava então na sua infância e Maud foi admitida como aprendiz de composição, quando a composição tipográfica ainda era feita manualmente com tipos móveis. Em breve já fazia um trabalho bastante satisfatório, que era completado por lições de inglês ministradas no fim do dia pelo professor G. H. Bell e de Bíblia pelo Pastor Uriah Smith.

Ela foi uma das *primeiras* adventistas a aderir ao sistema do dízimo; participou na *primeira* reunião campal adventista do sétimo dia, que teve lugar em Wright, Michigan, em Setembro de 1868; e foi um dos membros fundadores da *primeira* sociedade missionária organizada em Battle Creek.

De tal maneira se entusiasmou com esta actividade que pediu para lhe ser concedida uma licença de seis meses, a fim de se dedicar, em Ohio, como obreira bíblica, a um serviço voluntário, juntamente com Miss Elsie Gates, sem qualquer encargo para a Obra.

Para sua manutenção conseguiram um trabalho em que ganhavam apenas 25 cêntimos cada uma por semana, importância essa que tinha de ser poupada ao máximo para fazer face às suas despesas de alojamento e alimentação.

Durante esse tempo dedicavam as suas energias a percorrer longas distâncias para emprestar livros, distribuir folhetos e falar com as pessoas acerca das verdades do evangelho.

Pioneira na Europa

Passados cerca de onze anos na Publicadora e em actividades missionárias como membro da igreja de Battle Creek, foi-lhe dirigido um convite que de bom grado aceitou.

J. N. Andrews, com a sua família, encontrava-se, desde 1874, na Europa, como *primeiro* missionário ultramarino enviado pela Conferência Geral. Estava ele então

empenhado em imprimir literatura – folhetos, livros e a revista *Les Signes des Temps*. Para o ajudar nesse empreendimento partiu Maud Sisley em 1877, como *primeira* missionária solteira mandada à Europa pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, tendo como companheiros de viagem o Pastor William Ings e a sua esposa.

As condições de trabalho em Basileia, onde se encontrava a sede, eram deveras primitivas. Ali era composto o texto, que em seguida era levado num carro de mão até à tipografia e, mais tarde, no mesmo carro voltavam as folhas impressas, para serem dobradas e eventualmente cosidas à mão.

*... mas com
a bênção
de Deus
o trabalho
correu
bem.*

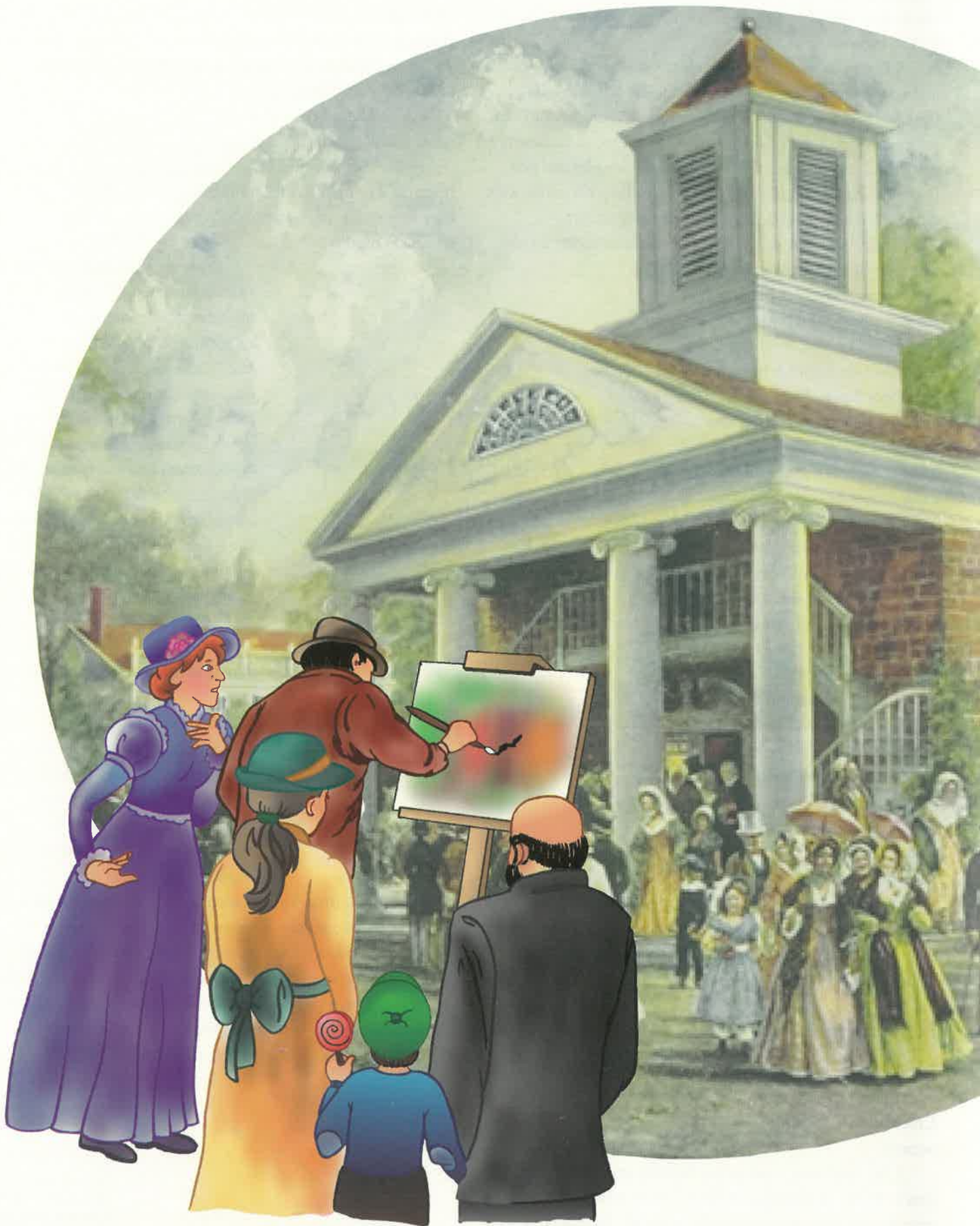
Entre os trabalhos a compor encontrava-se um folheto em italiano sobre a Segunda Vinda de Cristo. A propósito, escreveu ela: “*Como não tínhamos compositor que entendesse a língua, o Ir. Ings pediu-me que tentasse encarregar-me da composição do folheto que ele próprio traduzira e ofereceu-me um bónus de dez dólares se me ocupasse dessa tarefa. Não foi tão fácil como isso – pois não havia máquinas de escrever e o texto manuscrito não era muito fácil de ler, mas com a bênção de Deus o trabalho saiu bem.*”

Actividades Ulteriores

Em 1879 foi para a Inglaterra, a fim de apoiar como colportora e obreira bíblica o Pastor J. N. Loughborough e pouco depois regressou à América, onde se casou com o Pastor C. L. Boyd.

Seguiu-se uma longa carreira de dedicada e frutuosa actividade, não só nos Estados Unidos mas também em África e, já viúva e mãe de duas filhas, uma das quais falecida sendo ainda bebé, na Austrália. Os últimos dezasseis anos foram passados, como obreira bíblica e respeitada mãe em Israel, nos sanatórios de Loma Linda e Glendale, na Califórnia, vindo a falecer em 1937. ■

*Ernesto Ferreira
Pastor Reformado*



O QUADRO

Porque é que só o artista via a beleza?

KENYA J. HALL

No passeio de uma rua de trânsito intenso estava, certo dia, um artista com o seu cavalete, pintando sobre uma tela. Enquanto trabalhava, as pessoas começaram a juntar-se à sua volta e a admirarem a forma como ele aplicava as lindas tintas com tanta habilidade. Alguns dos observadores pensavam que gostariam de poder comprar o quadro para o porem, em suas casas, num lugar de destaque.

Quando as pessoas pensavam que o quadro estava pronto e que nada poderia ser feito para o tornar mais bonito, o pintor molhou o seu pincel na tinta preta que tinha na paleta e começou a pintar cores escuras e duras.

As pessoas olhavam, chocadas. *Porque é que o pintor faria uma coisa tão horrível com o seu quadro tão bonito?* Parecia uma atitude tão cruel e insensível! Pouco depois o ajuntamento começou a dispersar e, num instante, não ficou uma única pessoa.

Por fim, o pintor completou o seu trabalho e pousou o seu pincel. Afastou-se alguns passos e contemplou a sua criação. *Esta peça é valiosa*, pensou ele. *Só uma pessoa que tenha a capacidade de compreender a sua expressão é que a levará.* Depois, sentou-se na beira do passeio e esperou.

Algumas pessoas passaram e olharam para o quadro, no cavalete, mas foram-se logo embora. Tal como as pessoas que se tinham juntado à volta do artista, ao princípio, estas ficavam desiludidas com as cores escuras.

Muito tempo depois, uma mulher só aproximou-se do quadro. Ao chegar mais perto dele, exclamou: “Esta é a pintura mais bonita e comovente que já vi até hoje!”

Ao ouvir isto, o pintor levantou-se e perguntou-lhe: “O que é que vê aí?” “Ó, meu senhor,” respondeu ela, “será que não vê? As cores parecem saltar da tela.”

“É verdade,” disse o pintor, “mas o que me diz das marcas pretas?”

“Como o senhor é cego!” exclamou ela. “É justamente essa parte escura que faz com que as cores pareçam mais ricas e vibrantes. Quem me dera ter este quadro.”

O artista famoso pegou novamente no pincel, assinou o quadro e colocou-o nas mãos da senhora.

Espantada ao ver a assinatura famosa, ela exclamou: “Mas, eu não tenho dinheiro!”

“Não há dinheiro que o compre; eu ofereço-lho,” respondeu o pintor.

E, com isso, pegou no cavalete, nos pincéis e nas tintas e afastou-se. Ao afastar-se da senhora, começou a assobiar uma canção alegre. Ele sabia que apenas aquela mulher – de entre todas as pessoas que viram o quadro – compreendia que é das pinceladas escuras da vida que a experiência de cada um se torna mais rica e mais vibrante, mais bela e colorida. ■

Kenya J. Hall
Instrutora de Paramédicos e Enfermeira de Emergências

uma...

E

X P E R I Ê N C I A

COM

D

e u s

Absolutamente Essencial

A importância de crescer num lar no qual todas as necessidades da vida são supridas.

Não éramos propriamente pobres, mas havia poucos extras para além do absolutamente essencial. Os meus pais estavam totalmente envolvidos com a Igreja. O meu pai era colportor e a minha mãe governava a casa, trabalhando o mais possível e tinha o seu próprio trabalho missionário fora de casa.

Muitas vezes me admirava com o que eles faziam. Todos os filhos (e éramos cinco) frequentaram a escola da igreja, havia despesas médicas, reparações no carro, alimentação e todas as despesas habituais que são inerentes à vida de uma família. Não ficávamos desapontados se no Natal nos davam uma camisa. Sabíamos que nos era dada com amor e sabíamos que o dinheiro não era muito. Vivíamos numa casa antiga, os carros eram em 2ª mão e a roupa era pouca, mas de boa qualidade.

O que era absolutamente essencial na nossa casa, era a ligação à igreja. Olhávamos para ela com um respeito muito especial – era uma instituição divina com uma mensagem e uma missão, especiais.

Independentemente de qualquer crise financeira em casa, cada um dos filhos sabia que os dízimos e as ofertas eram retirados, antes de qualquer outra despesa que houvesse.

A minha mãe punha de parte dinheiro para todos os programas da igreja. Lembro-me da pequena jarra que estava no guarda loiça onde se lia “Investimento”. Penso que todos os Adventistas recebem pedidos da Voz da Esperança, ou da União, ou dos Colégios e de muitas outras instituições. Os meus pais enviavam sempre qualquer coisa. Todos recebíamos, pelo menos, um dólar por mês. Com o passar do tempo, a lista da mãe foi crescendo, incluindo a ADRA, a Missão Global, a AWR (Rádio Mundial Adventista) e outros.

Parecia que o Pai e a Mãe estavam sempre envolvidos no projecto da igreja.

Eles amavam-na. Juntamente com outros membros trabalharam para estabelecer igrejas em Sunnymead no estado da Califórnia, em Independence e em Gladston no estado de Missouri e em muitas cidades espalhadas através dos estados de Arkansas e Louisiana.

Recordo-me da noite em que uma pequena igreja estava a tentar arranjar dinheiro para comprar uma propriedade. Eu já era suficientemente crescido para compreender a situação financeira da família, e fiquei chocado ao ver o meu pai oferecer 500 dólares. Não disse nada, mas vi-o ir ao Banco no dia seguinte e pedir um empréstimo de 500 dólares. E vi-o também pagar esse empréstimo, mês após mês. Eu sabia que esses eram dólares que o Senhor providenciou, porque nós não tínhamos dinheiro extra, para pagar empréstimos bancários. E desde essa época, tenho pagado nessa igreja.

Sinto-me grato porque levar esperança aos que a não têm foi uma das coisas absolutamente essenciais com as quais cresci.

Michael L. Ryan

Secretário Geral para a Missão Global



O Exemplo de Maria na Educação de Jesus

Jesus! O simples mencionar desse nome traz-nos à memória todos os ideais de perfeição, bondade e pureza. Mesmo para aqueles que não conhecem de perto os evangelhos, a pessoa de Jesus é sempre referida como alguém que viveu acima da média de qualquer ser humano e que, por isso mesmo, pôde tornar-se o símbolo de uma multidão que pretende ser uma verdadeira luz neste mundo.

Mas quem é na verdade esse ser maravilhoso? Como é que Ele se tornou a garantia da nossa salvação? Quando pensamos em Jesus surge-nos de imediato a imagem de um ser adulto e perfeito na sua condição divina. Existe uma grande tendência para O colocarmos numa posição tão elevada que raramente nos lembramos da sua parte humana e de que o segredo da Sua vida foi a ligação permanente com o Pai. Mais ainda, que essa ligação com o Pai teve como base tudo o que viveu na infância.

Jesus poderia ter encarnado como um ser adulto, já perfeitamente integrado na sociedade do Seu tempo. No entanto preferiu não o fazer, pois só assim poderia tornar-se o nosso exemplo perfeito. Começaria a Sua missão em favor da humanidade como um simples e indefeso bebé, que dependia em tudo dos seus progenitores.

Foi grande a tarefa que recaiu sobre os ombros dos Seus pais terrestres e sobretudo de Maria, aquela que tinha sido escolhida para ser a Sua mãe nesta terra. Bem cedo ela se apercebeu do filho que tinha no seu lar e observava com grande interesse o seu desenvolvimento “E o menino crescia, e se robustecia em espírito.” (Luc. 2:40)

Jesus também foi criança como cada um de nós, tinha um carácter harmonioso e uma disposição amável, uma grande paciência e era firme como a rocha nos Seus princípios.

Maria cedo viu que o ensino que ministravam na altura tornava as crianças e os jovens legalistas, privando-os do tempo para estar com Deus. Por isso procurava junto do Espírito Santo sabedoria do alto para educar o Salvador.

Consciente da sua posição como educadora de Jesus, Maria sentava-O ao seu colo e falava-Lhe da história da Criação, de Noé e dos animais que colocou na arca. A pouco e pouco iam-se desdobrando perante o Salvador os Seus maravilhosos actos na História deste mundo. Cabia agora ao Criador que fizera todas as coisas ouvir dos lábios da Sua mãe todo o maravilhoso plano da redenção.

Quanto trabalho pode ser poupado na juventude se na tenra idade as mães seguirem o exemplo de Maria, e educarem os seus filhos no caminho do Senhor! Não é tarefa fácil nos dias que correm, muitas armadilhas são postas no caminho pelo inimigo, para que os nossos pequeninos não sejam levados ao Criador, porque “Deus não se propõe fazer a obra que Ele determinou que os pais fizessem”. (Orientação da Criança, p. 172)

Queridas mães, quantas vão querer ouvir dos lábios do Senhor “Onde estão aqueles que te dei?” e vai ser com alegria que diremos “Senhor aqui estão aqueles que me deste, para herdarem o teu reino.” Não negligenciemos esta árdua mas compensadora tarefa que é herdar o reino com todos aqueles que constituem a nossa família.

Façamos como Maria e deixemos que o Espírito Santo nos conduza na educação dos nossos filhos, dos nossos alunos da Escola Sabatina e de todas as crianças que nos cercam. ■

Sara Raposo
Colaboradora do Departamento Infantil da Escola Sabatina da
UPASD

Uma Prenda para o Dia da Mãe



“Estou muito preocupado, Raul,” dizia o Beto. “É que em Maio, além do Dia da Mãe, ainda tenho o aniversário do meu tio Jorge...”

“Estou mesmo a ver! Deixaste tudo para o fim, como é hábito?!” disse o Raul naquele seu tom sério de pessoa organizada.

A campanha, a chamar para as aulas evitou, ao Beto, o embaraço da resposta.

No entanto, durante o almoço, não conseguiu escapar ao “sermão” do amigo.

“O que é que compraste para a tua mãe, Raul?”

“Olha, Beto, tu sabes que, lá por casa, o dinheiro é caro, como diz o meu pai. A minha mãe andava, há muito tempo, a dizer que precisava de dar uma arrumação na cave, mas o tempo dela é tão pouco... Por isso, lembrei-me de fazermos isso por ela. O Pedro, a Rita, a Raquel e eu temos ido para a cave todas as tardes e já quase que acabámos. Depois vamos fazer um cartão grande, com um laço – daqueles que guardámos do Natal – e pomos na porta.”

“Que ideia original!” exclamou o Beto. “A tua mãe trabalha que se farta, com tanta gente para cuidar lá em casa mais o trabalho no hospital, e vai-lhe saber bem ter menos uma coisa para fazer! Tu pensas em tudo, Raul! Vou ver se, lá por casa, também há alguma coisa para eu fazer.”

Quando chegou a casa, foi bisbilhotar a cave – estava arrumada. “É verdade! O pai e o tio arrumaram isto no Domingo passado” disse para consigo. “Que é que eu posso fazer?!”

A mãe estranhou aquele súbito interesse do Beto pela cave. “O que é que procuras, filho?”

“Nada, mamã. Estava só a ver como a cave tinha ficado arrumadinha depois do pai e do tio terem passado aqui o Domingo.”

“Realmente, eles esmeraram-se, não foi?” riu-se ela.

“Pois é,” pensou o Beto, “e eu? O que é que posso fazer?! Já falta tão pouco tempo!”

No dia seguinte, o Raul, ao ver o seu ar preocupado, perguntou: “Então, ainda não te decidiste?”

“Não. Para o tio Jorge, tinha pensado comprar uma série de selos que vi há dias e que sei que ele ainda não tem, mas isso deixa-me quase sem dinheiro para a prenda da minha mãe.”

“O que é que lhe querias dar?”

“Uma planta muito gira, num vaso azul. Ela gostou tanto dela...”

E a conversa ficou por ali. O tempo foi passando. O Beto comprou a prenda do tio e voltou a contar o dinheiro que sobrou. Pois é, não dava mesmo para o vaso azul.

Quando comprou o cartão, pensou: “É bonito, mas quem me dera poder comprar uma prenda também... Para o ano que vem, não deixo para o fim! Este ano é que já não dá. O Dia da Mãe já é no Domingo...”

No Sábado à noite, vinham todos da reunião de jovens no carro do pai, quando a mãe disse:

“Amanhã, dê por onde der, tenho de dar uma boa lavagem ao meu carro.”

“Então tem de ser de manhã,”

disse logo a Carla, a choramingar. “À tarde prometeste que íamos todos ao jardim zoológico.”

“E vamos! Até pensei em arranjar um farnelzinho e almoçarmos lá, no parque das merendas.”

A alegria foi geral mas, para o Beto, foi como se tivesse recebido uma prenda. O carro! Porque é que não se tinha lembrado disso? Levantava-se cedo e, quando a mãe acabasse o pequeno almoço levava-a lá fora para mostrar o carro, limpo e polido. Levou tempo a adormecer, tal era a excitação. No dia seguinte acordou, realmente, bem cedo. Arranjou-se e pôs-se à escuta. Não. Os pais ainda não se tinham levantado. Desceu as escadas pé ante pé e dirigiu-se à garagem. Realmente o carro estava muito sujo! Por onde havia de começar? Por fora, ou por dentro? Optou por começar a limpar o interior do carro. Tal foi o entusiasmo que acabou tudo muito mais depressa do que pensava.

“Ammm! Está lindo, ou não está?! Acho que a mamã vai gostar. Agora vou buscar o cartão e ponho aqui, preso com o limpa pára-brisas.”

Correu para casa e, ao passar pela cozinha, a mãe estranhou:

“Já a pé?! O que é que te aconteceu?”

“Nada... Não me apeteceu ficar na cama...” disfarçou.

Correu escada acima, tirou o cartão da gaveta onde o tinha escondido e voltou a descer. Para que a mãe não o visse, saiu de mansinho pela porta da frente e deu a volta à casa. Na garagem, prendeu o cartão e distanciou-se um pouco, admirando a sua obra, satisfeito.

Depois do pequeno almoço traria a mãe à garagem. Mas... quando entrou na cozinha, não aguentou.

“Mamã, vem comigo...”

“Onde?!” Admirou-se a mãe. “Ó filho, estou a acabar o pequeno almoço...”

“São só uns minutinhos... depois eu ajudo-te.”

A mãe acompanhou-o. Pegando-lhe na mão, o Beto disse: “Fecha os olhos. Eu guio-te.”

Todo ele era entusiasmo! Abriu a porta da garagem e exclamou:

“Feliz Dia da Mãe!”

“Beto! Que prenda formidável! O carro está limpíssimo!”

“E polido, como o pai costuma fazer!” disse ele com uma pontinha de orgulho.

“Muito obrigada, filho. A tua prenda dá-me tempo para fazer aquele bolo de que vocês gostam tanto.”

E, abraçados, entraram felizes em casa. ■

Então e Maria ?

ANTHONY KENT

São abundantes os temas para sermões e devoções sobre grandes personagens bíblicos tais como Daniel, José, David, e mesmo Pedro, sem se correr o risco de cair em idolatria. As virtudes de Ester são postas em evidência quando repetimos com muito cuidado a história de um concurso de beleza, que seria ilegal se tivesse lugar nos nossos dias.

No entanto, permanecemos estranhamente silenciosos no que diz respeito a Maria. À parte a breve referência que se lhe faz em Dezembro, ela é raramente mencionada, ainda que não houvesse nada a esconder na sua vida. Com o Antigo e Novo Testamentos dominados por figuras masculinas, nós Adventistas não podemos dar-nos ao luxo de negligenciar ou eliminar o modelo e exemplo de uma mulher santificada, por causa do nosso medo da "Mariolatria". Mas na realidade qual é o lugar apropriado no cristianismo para Maria a mãe terrestre de Jesus?

Uma igreja faz dela um ídolo. Os Adventistas do Sétimo Dia, por vezes ignoram-na. Milhares dizem tê-la visto em visões e aparições, ter conversado com ela, e testemunhado milagres realizados por ela.

E enquanto alguns vêem estas manifestações como sinais do fim, os Adventistas, com o suporte unânime da Bíblia, sabem que Maria, mãe de Jesus, não aparece em nenhum dos acontecimentos que nos são descritos como tendo lugar nos últimos dias. Os Adventistas vêem estes "milagres" como manifestações satânicas, que têm por objectivo confundir e desviar muitos cristãos sinceros.

Quando amigos e conhecidos de outras religiões nos pedem a nossa opinião sobre Maria, temos a tendência de responder bruscamente. As orações dirigidas a Maria, o culto que lhe é prestado, as imagens representando-a e os ensinamentos identificando-a como a "mãe de Deus" e como mediadora no Céu, provocam frequentemente da nossa parte uma resposta pouco amável. Este tipo de resposta pode ter consequências devastadoras sobre as nossas relações com indivíduos de outras religiões. Se, em vez disso, tirássemos partido da oportunidade para dar uma resposta clara mas de carácter positivo, as nossas relações para com outros cristãos e o seu conhecimento da Bíblia seria significativamente melhorado.

Podemos partilhar o facto de que os Adventistas crêem e ensinam exactamente o mesmo que Maria creu e ensinou. Sem dúvida nenhuma, foi Maria que ensinou ao Jesus menino a grande verdade sobre o Sábado, instilando nele o hábito do culto Sabático (ver Lucas

4:16). *O Desejado de Todas as Nações* afirma que "a Sua mãe foi o seu primeiro professor humano. (...) As mesmas palavras que Ele tinha dito a Moisés para Israel, eram-Lhe agora ensinadas aos joelhos da Sua mãe." (p.48. 1ª Edição Portuguesa da P.A.)

Amando Jesus como mãe dedicada e crente sincera, Maria teria esperado a segunda vinda do Cristo com mais impaciência que qualquer outro ser humano. Educando a Criança perfeita tornara-se consciente dos seus próprios erros. Maria teria amado a grande verdade de que Jesus a representa como o seu advogado celestial. Houve uma ocasião em que, como resultado de negligência, ela perdeu o seu Filho por três dias (ver Lucas 2:44-46).

No entanto foi dos seus lábios que saiu um simples e significativo ensinamento do Novo Testamento: "Fazei tudo quanto ele (Jesus) vos disser". (João 2:5) Estas palavras são muito semelhantes às que Jesus pronunciou perto do fim do Seu ministério, "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos." (João 14:15)

Maria demonstrou o lugar que Jesus deveria realmente ocupar nas nossas vidas, guardando no seu coração todas as experiências que viveu com Ele (Lucas 2:51). No momento em que Jesus morria na escuridão "sem Deus" sobre a cruz, isolado do Pai pela barreira de pecado, ela não fugiu nem o negou. Ela permaneceu ali, vendo a tortura e morte do seu Filho puro, infectado pelo seu próprio pecado e pela culpa de um mundo pecador. A profecia de Simão de que "uma espada traspassará também a tua própria alma" (Lucas 2:35) estava a cumprir-se.

Só um pai que tenha perdido um filho por morte pode compreender a sua alegria três dias mais tarde. Esta alegria destruiu quaisquer dúvidas após a Ressurreição. Maria foi sempre crente, e na última menção que dela encontramos nas Escrituras, encontramos-la orando com os discípulos depois da ascensão de Jesus. (Actos 1:14)

Ao contrário de Enoque, Elias, Moisés, e mesmo do seu Filho precioso, não há nenhuma evidência bíblica, nem mesmo uma sugestão, de que Maria vive hoje no Céu. Maria está entre a multidão descrita por Daniel, que dorme no pó da terra, esperando a ressurreição para a vida eterna no momento da segunda vinda de Jesus. (Dan. 12:2).■

Anthony Kent
Evangelista da União Trans-Australiana

AS NOSSAS

Primavera. A natureza renasce. Prenúncios de nova vida contrastam com memórias de "revolução". A educação adventista renasce, mas as memórias permanecem.

A nossa luta vai contra as ideias estereotipadas que proliferam na mente de muitos pais e educadores que pensam e afirmam que o sistema de ensino estatal é capaz, suficiente e vantajoso para educar os seus filhos e filhas da Igreja. Esquecem-se, ou ignoram que qualquer processo de aprendizagem resulta da interacção dos seus intervenientes e das respectivas ordens de motivação quanto ao alcance dos objectivos propostos.

Sendo o objectivo primordial das escolas adventistas a **EDUCAÇÃO PARA A ETERNIDADE**, os intervenientes no processo educativo estão empenhados em transmitir aos alunos não apenas um conjunto de saberes ou de diversidade de métodos e técnicas inovadores, mas também e acima de tudo, a imagem e o carácter do grande Mestre e Senhor. Deste modo, *"a mente humana é colocada em comunhão com a mente divina, o finito com o Infinito. O efeito de tal comunhão sobre o corpo, o espírito e a alma, está além de toda a estimativa.*

Encontra-se nesta comunhão a mais elevada educação. É o próprio método de Deus para o desenvolvimento." (E.G.White, *Educação*, p. 14)

Associar o saber e o desenvolvimento real ao conhecimento do verdadeiro Deus é o caminho que a escola adventista se propõe percorrer no sentido da valorização da dimensão divina do estudo, do trabalho e da cidadania.

Embora a educação adventista não seja totalmente perfeita, ela permanece ainda um tesouro incalculável.

Natividade Quintino
Directora do Colégio Infante D. Joana

Colégio Infante D. Joana

Rua Ponta Delgada, n.º 1 - 1000 LISBOA
Telef: (01) 354 54 55 Fax: (01)352 48 86

Internet: Info cl-Adventista- Lsb.Rcts.Pt
Http: // www.cl-Adventista Lsb.Rcts.Pt

Ensino Pré-escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclo do
Ensino Básico - (1.º ao 9.º ano)
Ensino Comparticipado pela sua Igreja e
pelo Ministério de Educação

Externato Adventista de Coimbra

Rua Teixeira de Carvalho, n.º 22
3000 COIMBRA
Telef. (039) 71 77 28
1.º Ciclo do Ensino Básico

Colégio Adventista de Setúbal

Rua Latino Coelho, n.º 8 - 2900 SETÚBAL
Telef. (065) 53 32 77
Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico

Externato Adventista do Funchal

Rua Conde de Carvalhal, n.º 6A
9050 FUNCHAL
Telef. (091) 23 50 07
1.º Ciclo do Ensino Básico



Prezados Pais

Procuram a melhor
educação para os
vosso filhos?
Nós temos a
resposta!



O **Colégio Adventista de Oliveira do Douro** possui uma larga e sólida experiência na área da educação cristã.

No CAOD cada professor, cada responsável, cada funcionário procura responder às reais necessidades dos alunos.

Para os alunos internos, o CAOD possui óptimas instalações com o indispensável conforto.

Uma competente equipa de preceptores ocupa-se, dia e noite, do bem-estar dos alunos internos.

Para estudar no CAOD existe a possibilidade de apoio financeiro:

- Através do Ministério da Educação,
- Através de bolsas de estudo da Igreja.

Nós educamos a pensar na Eternidade!
Fraternalmente,

Pr. Luís Rosa

Preceptor responsável pelos Internatos.

Para Informações:

Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Rua do Jorgim, N.º 166

4430 Oliveira do Douro VNG

Tel. (02) 782 37 32 - 782 84 84

Fax. (02) 783 09 57